II Série — Ano I — N.º 3
Sábado, 31 de Janeiro de 1948
DIRECTOR E EDITOR:
A. J. MENDES (CEREJO)
CHEFE DA REDACÇÃO:
MANUEL ALPIARÇA
PREÇO 1$00
Composto e impresso:
GRÁFICA BOA NOVA, LDA
Rua Morais Soares, 5-A a 5-D

O TRABALHADOR

SEMANÁRIO DO POVO

A GRANDE MISSÃO DA CLASSE OPERÁRIA

Apareceu «O Trabalhador» numa hora decisiva, dolorosamente trágica, para o mundo e para a classe operária.

Para o mundo, porque, sendo ele um só — a Grande Família Humana! — o partiram criminosamente em dois. Para a classe operária, porque a querem todos *enganar uma vez mais.*

Dum lado, é o chamado regime operário, a ditadura do proletariado, que está preparando o povo trabalhador, não para se libertar da escravidão da máquina, mas para se oferecer voluntàriamente como carne de canhão. Temo-los ouvido, na Rádio-Moscovo, cantar as glórias do exército, festejar o dia da artilharia, comemorar as festas da artilharia militar, da aviação, de todas as armas, em paradas militares estrondosas, em cantos guerreiros embriagantes. Temo-los ouvido!

Do outro lado, são os discursos ao «social», os «planos» (que ninguém entende) deste ou daquele, são as loas dengosas aos trabalhadores, os manifestos, as cartas abertas, as declarações de amor... para que trabalhem ainda mais nas fábricas de guerra, na produção que vai só ou quase só para os outros, eu sei lá.

Que fazer no meio desta sombria tragédia?

Como portugueses, não queremos ser russos, nem americanos, nem ingleses, mas simplesmente portugueses, bons vizinhos de todos os povos, colaboradores úteis do bem comum da Humanidade.

Como operários, deixemo-nos de nos fiar nos outros. Confiemos apenas em nós. Nós teremos aquilo que nós mesmos fizermos pelas nossas próprias mãos.

A justiça que nos assiste, a liberdade que nos pertence, o bem-estar a que temos direito como criadores da riqueza, havemos nós de os alcançar pela nossa própria valorização. Devemos chegar a ocupar posições na direcção da economia por direito de conquista.

Procedendo assim, contribuiremos muito mais do que se supõe para o equilíbrio do mundo, para a paz social, base única da paz entre os homens e entre as Nações. A classe operária, se se valorizar ela própria, mais do que nenhuma outra é capaz de renovar, ao sopro do Espírito, a martirizada face da Terra.

Nesta hora sombria para

(Continua na 8.ª página)

O HOMEM E A MÁQUINA

DOS INSTRUMENTOS DE PEDRA DOS PRIMITIVOS ÀS MÁQUINAS DE COSER DE HOJE

Chamam-se primitivos aos povos, ou, melhor talvez, agrupamentos sociais prehistóricos cujo nível de civilização se pode avaliar pelos instrumentos de trabalho que usavam. Para eles, a matéria prima de todos os utensílios era a pedra.

As setas para a caça, os martelos — os «faz-tudos» ou «coup-de-poing» como lhe chamam os franceses — os machados, as facas, as goivas, os raspadores de peles, os furadores, tudo era feito de pedra.

Partiam-na, poliam-na, e de tal maneira a amoldavam, que constituíam alguns dos objectos assim obtidos verdadeiras maravilhas, como se pode verificar nos museus de arqueologia.

Pois os primitivos — que viveram há cem mil anos, e mais, segundo certos estudiosos — consideravam os instrumentos de trabalho como parte integrante do corpo, ou por outra, como continuação ou projecção da própria mão. Daí resultava que nunca alienavam esses objectos, fazendo-se sepultar juntamente com eles.

Isto dizem os estudiosos.

Mas, a que propósito virá este introito?

Muito simples, prezado leitor e camarada.

Para realçar o valor dos objectos ou utensílios de trabalho, valor a que nós como os primitivos continuàmos a dar a mesma importância.

E porquê? Por duas razões. Primeiro, pela dificuldade que representa obtê-los; segundo, pela dor, digamos assim, física e moral que nos causa o desfazermo-nos deles.

Experimente o leitor converter uma pedra numa seta minúscula, espalmada e ponteaguda, avalie o carinho, o cuidado que esse trabalho supõe, e terá compreendido a razão por que os primitivos levavam para a sepultura os seus instrumentos de trabalho feitos de pedra.

Com o andar dos tempos, a matéria prima da ferramenta mudou e mudou a técnica de afeiçoar essa matéria prima. Persistem, no entanto, a dificuldade de obter a ferramenta de trabalho e a pena que para nós representa o desfazermo-nos dela.

Ponhamos o exemplo típico duma máquina de costura e queira o leitor acompanhar-nos na análise dos esforços e sacrifícios que a aquisição de uma máquina exige.

Uma máquina de costura equivale para uma rapariga, à independência do salariato, à fuga, para sempre, do ambiente do *atelier;* equivale a trabalhar por conta própria, em sua casa, sem preocupações de horários e de médias de produção.

Pois bem! Sabe o leitor o que custa a aquisição de uma máquina de costura?

Horas extraordinárias feitas à sobreposse; e — quem sabe? — sacrifícios perigosos na alimentação para economizar a quantia necessária.

Como o preço é elevado, muita gente recorre ao sistema da compra a prestações. Julga uma pessoa que se benze e parte a cabeça. O sistema de compra a prestações, em vez de ser uma facilidade, converte-se, pelo contrário, num pesadelo, pois constitui uma usura; mais do que isso, um atentado à legítima propriedade particular e vexame para os indefesos compradores pela tirania das condições impostas.

* * *

Aprofundemos um pouco a análise do sistema de vendas a prestações. Ressaltará melhor à vista a mesquinhez de sentimentos e a ganância dos vendedores que fazem chorudo negócio com esse sistema de vendas.

* * *

Falamos em tirania das condições impostas por esses vendedores.

De uma Companhia sabemos nós que considera a venda a prestações de uma máquina de coser como um arrendamento para o qual exige um fiador estabelecido.

Se por qualquer motivo o comprador não pode levar a cruz ao calvário, tem de devolver a máquina, com perda das prestações pagas e com a obrigação, ainda por cima, de pagar quaisquer estragos ocasionados.

Ora estas condições são, não sabemos se ilegais, mas, de certeza, antihumanas.

No estrangeiro — e citamos o Brasil como ponto de referência — nos lucros dos vendedores a prestações já

(Continua na 6.ª página)

O PROBLEMA DAS TABERNAS

Há algumas semanas, tive necessidade de aproveitar uma hora de almoço para fazer uma visita na Baixa.

Para não perder tempo, levei dois pedaços de pão, um queijo de Tomar e um ovo frito, para almoçar numa «tasca».

Entrei numa taberna da Praça Martim Moniz; mandei vir um copo de três (daqueles que por sinal nem dois chegam a levar), desembrulhei o guardanapo, e comecei a comer.

Estavam ali duas mulheres e um homem, em quem não reparei ao chegar e que, quando outra mulher, outra desgraçada, entrou e roubou dum alguidar uma sardinha, começaram a falar numa linguagem horrível.

Não descrevo as fisionomias, nem os gestos, nem reproduzo as palavras. Tudo isso e as chagas que a terceira miserável apresentava nas pernas e no rosto fizeram-me deitar fora o pão que estava comendo. Paguei o vinho e saí à pressa.

É de notar que essa baiúca imunda, como imundas são a maior parte delas, está de portas escancaradas, a três ou quatro metros da placa onde dezenas de milhar de pessoas, de todas as condições, sobem para os carros do Arieiro, Praça do Chile, Graça, etc.

As tabernas são assim, e é apesar disso para elas que, em virtude de certos preconceitos, são, em geral, relegados os operários.

Transcrevemos, a propósito, uma local publicada por «Juventude Operária», em Dezembro de 1947.

(Continua na 6.ª página)

Portugal industrializa-se

PORQUE SE NÃO RESERVA PARA O TRABALHO UMA PARTE DO CAPITAL DAS NOVAS EMPRESAS?

Havemos de continuar a ser sempre dependentes?

Temos acompanhado com grande alvoroço o desenvolvimento progressivo do país no campo industrial.

A construção de grandes barragens que irão tornar possível a produção de energia abundante e barata; a regularização dos cursos dos rios Douro e Tejo que hão-de, no futuro, facilitar o transporte das mercadorias; a exploração de matérias primas, sobretudo ferro, que vai abrir o campo à indústria do aço; e tantas outras iniciativas em curso e em preparação demonstram que Portugal começa a despertar para as realidades e para as exigências da sua existência. Nós não poderemos subsistir, se teimarmos em ser um país agrícola.

Com alegria assistimos, portanto, ao despertar da Nação. E ninguém pode imaginar o que será Portugal dentro de dez anos, se persistirmos com decisão no caminho encetado.

Grandes empresas se têm constituído, que irão arrancar aos campos a mão de obra necessária. A classe operária irá crescendo, portanto, em quantidade e em importância.

Que será ela amanhã?

Eis o problema angustioso que se nos põe.

Iremos aumentar o proletariado industrial? Iremos fomentar os bairros miseráveis daqueles que nada mais têm do que o seu trabalho para viver?

Porque não pensar desde já na realização da *primeira* aspiração do povo trabalhador, de deixar de ser proletário?

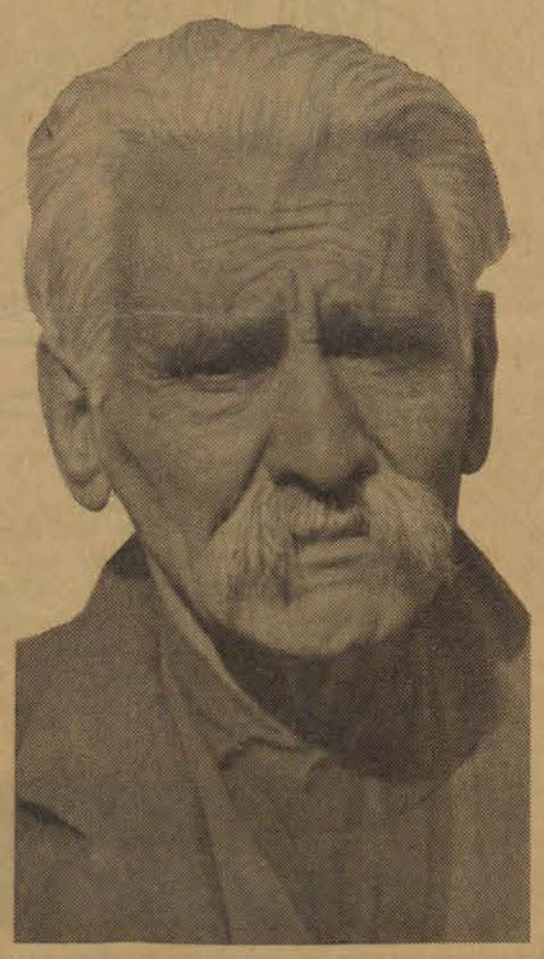
Porque não acompanhar o grande esforço feito lá fora com tão bons resultados, na Suíça, na Bélgica, na América, de conceder aos trabalhadores possibilidades de acesso à compropriedade das empresas?

O operário não pode subscrever acções, porque o seu salário o não permite. Porque se não estuda então a possibilidade de lhe reservar uma parte no capital, que ele, pouco a pouco, iria adquirindo?

Não poderia o Estado reservar para si determinado número de acções em cada empresa, que depois iria cedendo aos trabalhadores, exclusivamente aos trabalhadores?

Voltaremos ao assunto.

AOS OITENTA ANOS,



AINDA PROCURA TRABALHO...

TRABALHADORES:

«O TRABALHADOR»

É O VOSSO JORNAL

SOIS VÓS QUE TENDES

DE O VALORIZAR

© Todos os direitos reservados

QUANDO OS OPERÁRIOS ESCREVEM ROMANCES

A MÃE

O romancista Marc Bernard é um antigo operário de oficina. Ganhou em 1941 um dos prémios literários mais célebres de França, o «Prémio Goncourt». Ao seu romance «Socorro!», pertence o trecho que publicamos hoje.

Ei-lo na sua estreita rua, e eis o seu estreito corredor. Uma água lamacenta estagna no pátinar. A retrete está ainda entupida, transborda para o patiozinho; grandes moscas voam aos círculos. O cheiro fétido sufoca a criança.

Empurra a porta da cozinha.

— Bom dia, Mãe.

Uma mulher alta, magra, feições gastas, cara macerada, vem ao encontro dele.

Aperta-o nos braços.

— Como te sentes, meu rapazinho. Vens tão tarde. Trabalhaste bem. Tens fome? — pergunta-lhe. — Come depressa.

Olha o filho com um sorriso e condu-lo para a mesa, onde a sopa fumega.

As mãos desta mulher estão roídas pelas lexívias, pela escova dura, pelo sabão. Os olhos são doces e tristes. Tem uma expressão de vencida. Os ombros, estreitos, estão curvados. O passo arrasta-se sobre os ladrilhos vermelhos da cozinha. Um tacho de barro amarelo canta sobre o fogão.

— E então, que é que me contas? — pergunta a mãe ao filho, que acaba de engolir ruidosamente a sua última colherada de sopa.

— Tens os olhos vermelhos, — diz bruscamente Paulo. — Que é que tens?

— Nada. Foi o fumo do fogão.

A criança olha o seu inimigo, acusa-o de todos os males; uma espécie de superstição leva-o a tornar este fogão responsável por todos os seus males. Pensa frequentemente que enquanto ele ali estiver não poderá haver qualquer felicidade nesta casa. Propôs uma vez à Mãe vende-lo ou trocá-lo por outro. Mas ela contentou-se com rir. E quando ele lhe disse porque pensara nisso, respondeu-lhe, encolhendo os ombros:

— Come a tua sopa, niquento. Com ele ou sem ele, será sempre a mesma coisa. Nasci em má hora e o fogão não tem culpa nenhuma disso.

Mas Paulo estava convencido do contrário. É ao pé desse fogão que tantas vezes, ao voltar da escola, ele viu a sua Mãe estender as mãos para a magra chama de um fogo raquítico. Ela ficara silenciosa desde o cair da noite, e, a maior parte do tempo, chorava. Corriam-lhe lágrimas ao longo das faces, e caíam-lhe lentamente sobre o vestido. Estas lágrimas que corriam em silêncio afligiam a criança. Teria querido não as ver, pensar noutra coisa: experimentava ler, mas sempre uma força invisível o levava a voltar a cabeça naquela direcção. Assentado ao canto da mesa, com o livro aberto diante dele, sentia-se invadido por aquela amargura, cheio como um balão prestes a rebentar.

A rua escurecia por detrás dos vidros, a parede da casa em frente desaparecia pouco a pouco. Um vendedor de jornais, sempre o mesmo, lançava o seu pregão, depois o silêncio caía ainda mais pesado após a sua passagem.

Paulo sentia as faces tornarem-se-lhe escaldantes. Já nem tinha coragem para voltar as páginas; deixava-se submergir pela angústia, e sentia uma espécie de prazer amargo em se deixar afundar assim ao lado de sua Mãe. Mas no fundo de si organizava-se uma resistência, uma força de juventude que não se resignava a morrer concentrava-se num nó duro. Aquilo assemelhava-se, de todas as vezes, a um incêndio: era primeiro, um calor a germinar-lhe lentamente no peito, depois uma curta chama, tímida e pálida, surgia de sob este amontoado de desespero; com rapidez a chama crescia, elevava-se-lhe muito direita e vibrante até à garganta, e crepitavam rápidamente centelhas, o fogo punha-se a ressoar vertiginosamente, obrigando Paulo a levantar-se, a precipitar-se para sua Mãe, a romper o encanto do silêncio.

— Mãe, pára. Pára, Mãe. Não chores mais, ou vou-me embora, — gritava ele, soluçando como uma mulvem que se rompe.

A Mãe olhava-o então. Ela assemelhava-se a alguém que sai de um sonho, com o olhar desorientado, vindo não se sabe de que profunduras. Levando a mão à face, trazia-a molhada para diante dos olhos, como se ela própria tivesse ficado espantada com as suas lágrimas.

Contra toda a evidência, dizia com doçura:

— Mas eu não choro, Paulo. Quem te disse que eu chorava?

E acrescentava, sorrindo:

— Eu não estava a chorar. São os meus olhos que me doem.

Mas esta explicação não satisfazia a criança. Não deixava a Mãe até que ela se levantasse, acendesse a lâmpada, e se pusesse a coser longe do fogão. Só nesse momento ele se começava a aquietar.

"Não exagere! Isso não passa duma impressão causada por uma iluminação deficiente, ao pretender fazer um trabalho delicado. Substitua a sua lâmpada por uma Philips de grande rendimento. Verá o excelente resultado que obtém; além disso, para quê essa semi-obscuridade mística, se a luz Philips não custa quase nada!".

AGRADECIMENTO

É-nos absolutamente impossível fazer referência às inúmeras cartas e telegramas de aplauso que temos recebido na Redacção, pelo nosso reaparecimento.

A todos os que nos têm escrito, felicitando-nos e dando-nos sugestões, o nosso sincero e comovido agradecimento.

A melhor maneira de correspondermos a tanta amizade e espírito de solidariedade será, porém, fazer o jornal de cada vez melhor, trabalhar de cada vez mais, e servir de cada vez com maior dedicação.

Contai connosco. É este o melhor agradecimento que somos capazes de vos dar.

A REDACÇÃO

NOTICIÁRIO DA SEMANA

DO PAÍS

Esteve em Lisboa o general Le May, chefe das Forças Aéreas Norte-Americanas, em retribuição da visita da Missão Militar Portuguesa à zona de ocupação americana na Alemanha. Além de sua esposa, acompanhavam o ilustre oficial o seu ajudante, capitão Howord Rose, e outros oficiais do Estado Maior do Exército dos Estados Unidos.

Viana do Castelo festejou o centenário da sua classificação de cidade, concedida por D. Maria II. A estas comemorações associou-se o Governo, os corpos associativos e o povo daquele rincão mimoso do lindo Minho.

Passou por Lisboa, com curta demora, a caminho de Havana, o rei Leopoldo da Bélgica e a Princesa de Rethy, sua esposa.

A Câmara Municipal de Lisboa, na sua última reunião, voltou a focar o problema do trânsito, nomeadamente no que se refere à existência não suficiente de taxis e ao estacionamento dos automóveis nas ruas. Também um vereador fez referência à deficiente iluminação da capital.

O Ministro da Economia, «em resposta a várias críticas às soluções dadas a alguns problemas económicos», falou em Estarreja sobre o «Fomento Industrial», reservando para falar em Lisboa acerca das «Razões Económicas duma Política», declarações que despertaram o maior interesse.

Os Açores vão ser beneficiados com a construção e reparação de estradas, na importância de mais de dezassete mil contos. Bem precisada e urgente se impunha esta iniciativa onde os meios de comunicação não correspondiam às necessidades da formosa Ilha.

Vão constituir-se nos concelhos dos arredores de Lisboa cooperativas de produtores de leite, com o fim de melhorar não só o abastecimento das respectivas áreas mas também o da capital.

Caiu próximo da Caparica um bimotor C-47, da Aeronáutica Civil, de que resultou a morte dos pilotos Barros Brito e Benjamin de Almeida, e do radiotelegrafista Luís Figueiras.

Trágico desastre a enlutar a aviação portuguesa, que consternou toda a gente.

DO ESTRANGEIRO

A gravidade da situação na Alemanha, devido à falta de víveres, é reconhecida pelos ingleses e americanos que pediram que, dentro do mais curto espaço de tempo possível, seja aumentado o abastecimento.

Por outro lado, os Governos militares inglês e americano pretendem facilitar o desenvolvimento das suas zonas de ocupação para que se bastem a si próprios, sob o ponto de vista económico.

A Suprema Comissão Árabe recusou-se a comparecer perante a Comissão das Nações Unidas para a Palestina, alegando que está decidida a persistir na rejeição da partilha e em reconhecer a resolução das Nações Unidas a esse respeito.

No Congresso do Partido Socialista italiano, o delegado do Partido Socialista belga, depois de acentuar os pontos de vista comuns dos dois partidos, afirmou que, na sua opinião, os socialistas da Bélgica não têm simpatia alguma pelas ditaduras, mesmo quando pretendem apoiar-se no proletariado. E acrescentou: «o que nos une, acima de tudo, é que não aceitamos um regime como o dos Balcãs».

A «União dos Cidadãos Soviéticos» constituída em França, depois da guerra, foi considerada fora da lei, bem como o jornal «Patriota Soviético».

Ainda há pouco a polícia recusou autorização à «Associação Patriótica Jugoslava».

Na Câmara dos Comuns, Bevin, falando dentro do plano de política externa da Grã-Bretanha, entre vários pontos de vista expostos com clareza, referiu-se ao propósito russo de dominar a Europa Oriental, e concluiu por defender a constituição da Europa Ocidental Unida.

O antigo supremo comandante na Europa, general Eisenhower, tornou pública a sua recusa à candidatura para o cargo de Presidente dos Estados Unidos.

O Governo francês desvalorizou o franco e estabeleceu o mercado livre do ouro.

O presidente do Conselho, Robert Schuman, ao ser apresentado na Câmara o projecto da lei monetária, disse que ele se propunha a estabilização económica e política da França, o que se verificará com o desaparecimento da inflação e os novos preços e salários.

Informa o «New-York Herald Tribune» que a Universidade de Bucareste propôs o «camarada» Molotov para o Prémio Nobel da Paz.

Quem nos ouve?

Afadigamo-nos todos por conseguir o sustento necessário, mas nem sempre se alcança a compensação desse esforço.

Erros de doutrinas e a má vontade de patrões e dirigentes provocam a exploração dos que trabalham.

Há desabafos que são queixumes confrangedores, e os próprios factos que nossos olhos observam, bem comprovam o mal ainda sem remédio.

Mas é possível haver lares de trabalhadores onde falte o pão suficiente a cada dia?

Oxalá fosse um sonho a nossa interroqação e castigo merecessemos por injustamente a trazermos para aqui. Mas a verdade é como a cortiça dentro de água; de nada serve querer ocultá-la no fundo, porque imediatamente se torna visível vindo ao de cima...

Quem trabalha tem direito ao rendimento que baste ao sustento da família. E porque não sucede assim, não aceitamos uma tal injustiça social causadora de tanta desordem nos espíritos e nos corpos, nos homens e na sociedade. Daqui nascem ideias de revolta, de vingança, a instabilidade dos lares e a desunião da família.

Não entendemos o desequilíbrio do mundo económico em que uns têm mais do que o suficiente, quando outros nem o estritamente indispensável lhes é dado possuir.

Esquece-se ou finge esquecer-se que as más condições de vida económica causam a decadência da família com todas as consequências de alcoolismo e imoralidade.

Ora nós queremos a dignificação do trabalhador pela satisfação do direito a um salário ou ordenado ajustado às necessidades familiares.

Fazemos guerra a essa apatia enervante de quem olha o doente e não se resolve ao tratamento que as circunstâncias reclamam.

Somos pelo progresso na paz, mas detestamos a *paz podre* que é modorra e paralização do pensamento e da acção: preferimos a paz revolucionàriamente activa, sem coligações de interesses mesquinhos e onde sòmente tomem assento a justiça e a verdade a julgar todas as cousas.

A causa do trabalhador, a quem todos reconhecemos DEVERES e DIREITOS, é sagrada.

Somos pelo exacto cumprimento do DEVER feito pontualidade na entrada para o serviço, rendimento no trabalho, espírito de disciplina dentro e fora da oficina, do escritório e da repartição, nas relações com os superiores e os companheiros. Mas somos também pelo DIREITO ao salário justo, à casa higiénica, a não se viver sob a *tristeza* do presente e o *medo* do futuro.

Dir-nos-ão que *alguma coisa se* vai fazendo... Todavia, quão longe estamos de alcançar a meta! Entretanto, os *estragos* multiplicam-se.

A culpa é de muitos, e de nós todos. Não seriamos lógicos se lançassemos a responsabilidade sobre uns, ressalvando outros. Se há *abusos* também há *abusadores*. Todos, portanto, somos chamados a cooperar para afastar a injustiça das actuais condições de vida de quem tem de ganhar o pão com o suor do seu rosto, mais agravada ainda se se trata de um chefe de família. E não seria difícil, desde que todos quisêssemos. Bastava que cada um, no seu posto, correspondesse sinceramente às suas obrigações:

— Nada de patrões ou dirigentes déspotas, para quem o terror e a ameaça constituem meio de orientar e estimular; nada de operários, empregados ou funcionários (todos são trabalhadores) madraços e desrespeitadores.

— Nada de exploradores que, desvirtuando, por vezes até, a própria lei, roubam o suor dos que trabalham; nada de ambientes de oficina, escritório ou repartição insuportáveis, porque o operário, o empregado ou o funcionário se sente lesado e o acompanha, como visão macabra, a sombra triste da sua casa onde falta qua-

(Continua na 6.ª página)

PÁGINA DESPORTIVA

COISAS DO FUTEBOL

Por ALBERTO VALENTE

CLUBES E CLUBISMOS

Somos daqueles que sempre temos afirmado — e escrito... por várias vezes — que os Clubes são os verdadeiros Pilares das Organizações Desportivas. Em todas as modalidades e em todos os países.

No que respeita ao futebol, então, nem se discute o axioma — por se tratar dum desporto essencialmente popular, de conjunção de esforços, altamente espectaculoso e propício a paixões colectivas.

Os clubes querem-se fortes pelo trabalho dos seus associados ou adeptos, e amparados pelas Entidades Superiores para que a sua acção seja produtiva, meritória e tradutora dos desejos de consideráveis massas de gente — agregadas em torno dum salutar Ideal, reconhecido — pelo menos, na sua esencia — como indispensável ao bem comum da Raça, como propulsor do revigoramento físico do Povo, acalentado pela chama agradável dum entretenimento desportivo.

Será estultícia iludir esta verdade — como condenável qualquer intenção oculta (...ou camuflada) de combate à existência e à grandeza dos clubes.

Os clubes são autênticas famílias, e devem ser igualmente colmeias de amigáveis relações entre os homens — síntese de boas vontades!!!

Células dum colectivismo valioso ao serviço duma Causa — hoje em dia Universal.

*

Evidentemente que da própria existência dos Clubes brota por espontaneidade o sentimento clubista — o «clubismo» como se dizer-se.

— A eterna busca da perfeição especialisada!

— O ardente desejo duma melhoria global!!

— A glória da supremacia!!!

Mas para que seja admissivel e lógico tal sentimento, há que exigir-lhe um mínimo de «seriedade» e um fundo de positiva «producência».

Seriedade — no seu espírito de luta, na discussão dos seus direitos, no reconhecimento das suas faltas ou fraquezas... e no respeito pelos adversários!

Producência — na mira por um aperfeiçoamento real, por uma auto-valorisação constante, por um «mais-e-melhor» adentro da própria «casa» sem cuidar (e sem lhe bastar, principalmente!!!) numa ilusória superioridade entre as outras agremiações congéneres.

*

Na nossa crónica da semana última, expuzemos assim um recúo permanente — que, por desgraça, é uma evidência actual:

— Ser «encarnado», ser «leão», ou ser «azul» — é, presentemente, muito mais e melhor do que ser «desportista» ...praticante activo ou simples aficionado!

E repetimos:

Nada pior para qualquer Causa do que dividir em parcelas de idealismo a Ideia Máxima que deve animar a Grei.

...Porque, dest'arte, desponta a gama daninha do facciosismo, das intransigências partidárias — com a dispersão derrotista do interesse geral e o desmoronamento inevitável da obra em conjunto.

Alegarão, talvez, os «clubistas» da errada doutrina facciosa que na competição directa reside o germen do amor ao trabalho; que no confronto com os «Rivais» é que se encontram alicantes para novas vontades — e novos «recrutas»; e que na medida, ou no «toque» com a valia dos outros clubes há que procurar — e manter! — a razão de existência do «fogo sagrado».

Direi: — talvez... sim talvez!... Mas há que evitar o perigo do exagero dum monopólio de pensamento na Sociedade. Por outras palavras: — há que obstar a que a competição, o confronto directo e o «toque» ou medida acalentem desejos que apenas visem ao triunfo momentâneo sobre os «oficiais do mesmo ofício» — da mesma rua, do mesmo bairro, da mesma vila, da mesma cidade... ou do mesmo País!!!

Bastando até o consolo da vitória sobre um adversário enfraquecido, quando o ideal seria (...e deve ser!) a melhoria positiva sobre o «passado» — glorioso embora.

*

Esses exageros, além de profundamente nefastos para o progresso do futebol, tornam-se evidentemente perigosos sempre que nos visitam equipas estrangeiras — sejam elas de representações nacionais, ou mesmo turmas de clubes famosos.

A competição, o confronto e o «toque» ou medida com valores estranhos raras vezes atestam a nossa apregoada categoria, alicerçada em «pés de barro» de alguns resultados numéricos satisfatórios.

E a «voz corrente» do desânimo ouve-se a cada canto, em todos os tons e em plena concordância: — Afinal não valemos nada!... Temos muito que aprender!!... Andamos todos enganados!!!...

*

Todos, não!

Enganados andam apenas aqueles que no próprio coração vêm deturpando a essencia do «clubismo» — satisfazendo-se com as derrotas infligidas aos clubes rivais, mercê de tudo e de todos os processos.

Para esses, a «aferição» dos progressos do seu clube limita-se a dar-lhes o banalíssimo prazer de levar a melhor sobre os vizinhos de ao pé da porta — quantas vezes depois de reduzir as possibilidades deste, em lugar de fortalecer as suas.

Para esses, a satisfação do «dever cumprido» resume-se à vã glória de ser o melhor da sua rua, do seu bairro, da sua vila, da sua cidade... ou do seu País — sendo possível!

— Que se melhore de facto, pouco monta!!

— Mas que se seja o melhor na ocasião... e da sua terra, — eis a finalidade!!!

... Esquecendo que em terra de cegos quem tem um olho é rei: — e nanja que o «olho» de pouco valha... por «vésgo» e por míope!

*

É preciso dar combate sem tréguas ao «clubismo» faccioso — para que venha ao de cima com todos os seus benefícios o «clubismo» sério e producente.

Para tanto, não descansaremos na ingrata tarefa duma nova propaganda de retorno aos bons princípios — e antigos costumes, que julgamos iniciar com a-propósito exigindo o máximo contacto com boas equipas estrangeiras, que venham estabelecer bitola às actuais possibilidades das nossas equipas — apresentando-nos excelentes jogadores que venham provocar a afinação das reais qualidades dos nossos jogadores.

Os leitores já pensaram no que seria uma rua, um bairro, uma vila, uma cidade... ou um País cujas «famílias» pensassem apenas em degladiar-se, em derrotarem-se umas às outras — egoisticamente, facciosamente... e pouco «desportivamente». isoladas e esquecidas do resto do Mundo?

— Que desgraça!

— Que falta de senso!!

— Que caos!!!...

Nem só de futebol vive o Desporto...

VÁRIAS

— O Ateneu Comercial de Lisboa, bela escola de desporto e de virtudes cívicas, distribuiu prémios aos seus representantes em pugnas atléticas, prestando-lhes significativa homenagem.

— O «velho» Clube Naval de Lisboa, 56 anos ao serviço do «Mar», esteve em festa por motivo do seu aniversário.

O Clube, baluarte poderoso dos desportos náuticos, viu reunirem-se à sua volta, em preito de admiração, algumas das mais gradas figuras do meio desportivo português.

— Júlio Neves é um rapaz moçambicano, forte e desempenado, que um dia apareceu a «boxar» nas pistas de Lisboa.

Reapareceu agora, batendo fulgurantemente — por K. O. ao 2.º assalto — o portuense Augusto de Sousa, que já foi campeão nacional.

Aguardem-sé novos combates para então se aquilatar melhor do valor do moçambicano — já que desta vez quase não houve tempo de vê-lo em acção...

Julgo que se generalizou entre nós a noção errada de que o futebol é o único desporto que pode usar o título de desporto.

E porque ele absorve as atenções de toda a gente — sendo o pomo habitual das discórdias dos amigos — qualquer que seja a sua categoria social — quando falta assunto para as conversas, inventou-se até a designação de «desporto-rei», o desporto, a bem dizer, único, fora do qual não há mais desporto.

Quer-nos parecer que o significado das palavras anda de tal maneira deturpado que se impõe uma revisão da terminologia essencial relacionada com a actividade desportiva.

A confusão que se estabelece entre os vários conceitos, que a seguir analisamos, conduz a vícios de apreciação e até mesmo a atitudes que nunca se tomariam se houvesse o prévio cuidado de alinhar e comparar umas quantas expressões correntes e simples da nossa vida.

Assim, as palavras *desporto, jogo, espectáculo, educação física, competição, ginástica*, são aspectos que podemos considerar sem os confundir — em qualquer modalidade desportiva.

Será o futebol um desporto? E será só desporto?

O futebol, para os que assistem a um jogo, não é desporto: é mero espectáculo, o qual envolve a ideia de competição.

Só para os 22 homens em campo, não considerando o árbitro, é que é desporto.

Desporto encerra a ideia de exercício físico.

Difere de trabalho, no seu aspecto de obrigatoriedade ou necessidade.

Difere de jogo, porque o desporto nem sempre significa prazer; exige, por vezes, esforço doloroso e fadiga.

Difere de competição porque nesta o que importa é o desfecho vitorioso.

Difere de espectáculo, porque este exige emoção que só a competição proporciona uma vez que estão fora de causa — salvo honrosas excepções — as preocupações estéticas.

O desporto difere ainda de educação física, porque esta é uma fase evoluída, ou continuação daquele. O desporto é uma aplicação da educação física.

Se tivessemos de estabelecer uma hierarquia, procederíamos assim:

Antes do desporto e acima do desporto — a educação física, que supõe a disciplina do esforço e deve anteceder todo o desporto.

Educação física pode considerar-se como o adestramento harmónico do corpo para conseguir força e saúde.

Para obter esse adestramento será preciso recorrer ao exercício, à ginástica, aos jogos, aos desportos.

Concluindo o futebol é um desporto para os que o praticam: é um espectáculo para os que assistirem a um desafio, a uma competição.

Supõe uma preparação física geral — a ginástica, e especial, a técnica e a táctica.

É um jogo em oposição a trabalho, entendendo-se por jogo a necessidade que todo o animal tem de expandir de vez em quando a exuberância das suas energias vitais.

Em resumo: o verdadeiro desportista não é o espectador, é o futebolista.

E há tão poucos desportistas entre nós!...

RIBA TUA

De todos os desportos

Registo e perspectivas da semana

A Imprensa diária já tornou público o despacho do sr. tenente-coronel Salvação Barreto, presidente da Câmara Municipal de Lisboa, segundo o qual foi criada uma Comissão com o encargo de «a título experimental», assegurar a melhor utilização do Pavilhão dos Desportos, pelas entidades que pretendam organizar espectáculos na magnífica sala.

Constituem a nova comissão, que pràticamente administrará o Pavilhão, os funcionários municipais, srs. drs. Joaquim da Silva Pinto, José Sales Gomes e António Rodrigues de Oliveira.

Quer dizer: doravante qualquer entidade ou organismo desportivo que pretenda levar a efeito festas ou provas no Pavilhão dos Desportos, tem apenas de requerer àquela comissão nesse sentido — e aguardar que lhe sejam dadas a conhecer as condições de aluguer, isto no caso de ser deferida a sua petição.

Liberta, com certeza, de anteriores dificuldades burocráticas, a nova comissão aparece como uma esperança para as associações e federações desportivas de Lisboa, pois nela se julgam desaparecidas as dificuldades que até agora se opunham à livre utilização do Pavilhão dos Desportos.

Sendo assim, não é de estranhar que o Basquetebol veja, enfim, favoràvelmente resolvida a sua legítima pretensão de disputar os Campeonatos no Palácio do Parque Eduardo VII..., como não será de admirar que novas e mais acessíveis condições de aluguer tornem aquela sala utilizável pelas modalidades consideradas «pobres»...

Ao mesmo tempo — e uma vez que a Comissão Administrativa do Pavilhão dos Desportos tem também a incumbência de promover as reparações ou melhoramentos que julgue convenientes — seria bom que, para já, fosse arranjada a clarabóia do lado Norte, que permite, quando chove e o vento é forte, que a água caía em plena pista — o que é um perigo para os atletas (patinadores principalmente) — e um aborrecimento para os espectadores.

Prestígio que se afirma --- e confirma

E já que falámos no Pavilhão dos Desportos, quedemo-nos dois minutos em admiração pela actividade do prestigioso óquei patinado.

Na quinta-feira passada disputou-se o Portugal-Bélgica: hoje efectua-se o Lisboa-Antuérpia; no dia 2 de Fevereiro joga-se no Norte, o Porto-Antuérpia...

A meados do mês mais pequeno do ano, portugueses e espanhóis defrontam-se, cá e lá, em três jogos de cada vez...

Em Março, Portugal defenderá o seu título em Montreaux (Suiça)...

Em Maio, tem lugar no Pavilhão do Parque o Torneio das Nações...

Só isto e isto tudo — ainda com a possibilidade de um torneio em Trieste...

Tão intensa campanha internacional tem, claro, origem no extraordinário prestígio alcançado. Já fora pelo óquei patinado português. Prestígio que, como se vê, se afirma — e confirma cada vez mais.

— A Taça de Honra, agora suspensa por via dos jogos internacionais, forneceu nota de sensação na semana passada.

O Futebol Benfica venceu — e com muito brilho — o Óquei Clube de Sintra, que se viu assim relegado à segunda posição na sua série.

Na outra — o «chefe» é ainda o o Paço de Arcos.

15-10 --- Basquete ou Andebol?

Enquanto houver chuva e vento — clarissimamente que os encontros de Basquetebol se hão-de continuar a ressentir, na sua técnica e na propaganda da modalidade.

O resultado da semana anterior entre o Atlético e o Lisgás (15-10) e esse outro entre o Carnide e Lisboa Ginásio (27-10) mais parecem pertencer ao Andebol...

Mau grado todas estas evidentes contrariedades, a actual classificação dos clubes da Divisão de Honra é de molde a despertar o entusiasmo do público. Benfica, Atlético, Belenenses, Sporting e Algés estão tão perto uns dos outros — que se torna arriscado dizer qual deles segue à frente, uma vez que esta página vai entrar na máquina antes da jornada de sexta-feira...

Filipe Luís continua...

No Atletismo de inverno, agora nos campeonatos regionais, Filipe Luís, do Sporting Clube de Portugal, continua a triunfar—ornando-se com o título de campeão de Lisboa. Por equipas, nesta categoria — a de séniores — o Benfica foi o vencedor.

Américo Guedelhas, Benfica, e João Conde, Sporting, adjudicaram os títulos individuais de júniores e de principiantes, respectivamente, ficando os clubes a que pertencem triunfantes.

Belenenses, Sporting e «Os Treze», vitoriosos em andebol

O Sporting ganhou o «Torneio de Aberturas»; «Os Belenenses» triunfaram numa competição promovida pelo Oriental. Quem ganhará o Campeonato de Lisboa, que ora registou a sua primeira jornada?

É cedo ainda para responder, mas não para arriscar que possivelmente um deles será o vencedor.

Anote-se, entretanto, que nos jogos de domingo último se verificaram os seguintes resultados:

Os Treze-Glória, 7-2; Belenenses-Oriental, 13-1; e Sporting-Benfica, 8-3.

JOSÉ ILHARCO

BOLETIM MUNDIAL

A «estructura» é ainda a mesma...

Se já vão longe os tempos em que, cortando pela raiz o sonho dos trabalhadores de então: *«impedir as guerras como meio de os povos dirimirem as questões entre si»*, foi preciso «gritar» aos socialistas franceses — que os socialistas alemães se batiam no «front» —, para que aqueles dessem por quebrado o compromisso tomado e se decidissem a ir defender a França, para a «frente», de armas na mão, provando-se assim que a meio de uma engrenagem social, tal como estava montada, não era possível manter a palavra dada ainda que ao serviço da mais generosa e humana das ideias (não tenhamos ilusões, mau grado o «social» ter subido para o primeiro plano, tanto das organizações nacionais, como internacionais, que a «estrutura» continua a ser a mesma) e que a influência das classes trabalhadoras no destino dos povos não é «decisiva», nem na medida nem no grau a que as mesmas tinham aspiração e direito!

O grito: «não seremos mais escravos nem máquinas, queremos a libertação do trabalhador», com que se ergueram as grandes reivindicações sociais da primeira guerra mundial, que preencheram o intervalo da primeira para a segunda e fundamentaram esta, pois se dizia «era a guerra social, só em parte foi satisfeito, se considerarmos a marcha dos acontecimentos sociais nos países não dobrados e governados pelo comunismo: ou sofreu uma transformação tão radical, moldando-se no exacerbamento ideológico e criando uma mística de despotismo e expansionismo, que não só tornou infelizes os povos em que se implantou a sua forma de governo — o comunismo —, como perturbou a organização social e trabalhadora em quase todos os países do mundo, dando aso a uma reacção que não permitiu a gradual modificação de estructura que se estava operando e em que os trabalhadores punham, de facto, as suas esperanças.

Seguindo o caminho legal, e ainda assim traçando a senda a golpes de audácia no plano económico, a única organização de trabalhadores que conseguiu vingar, porque se apoderou do governo do seu país, foi o «trabalhismo» britânico, quase soterrado pela má vontade e o aperto económico dos meios internacionais, devendo a sua salvação mais à necessidade de salvar a Europa numa actuação comum do que ao empenho em o manter como dirigente dos destinos britânicos.

Assim temos que, no caminho de valorização das classes trabalhadoras, organizadas como tal e tentando transformar a estructura social até agora existente e de maneira a usufruir uma interferência directa no Governo e destino dos povos, as três seguintes fases a que se chegou: a *«comunista»*, que governa o Oriente europeu, sem reforçar e consolidar as organizações sociais dos próprios países em ordem a uma mudança de estructura; a *«laborista»*, que só vingou mercê de ter em seu poder as rédeas do Governo, e, finalmente, a *«confusionista»*, se assim quisermos chamar à perturbada e inconsistente vida dos trabalhadores franceses, ansiosos por uma estabilidade e uma organização que não logram alcançar.

Onde é que está, por exemplo, no mundo inteiro, tirando o caso britânico, por ser um caso de representação governamental, um agrupamento, uma organização de trabalhadores que, quer no plano nacional, quer no ramo internacional, e em face do grande esteio transformador da vida da Europa, e quem diz da Europa, diz do mundo — o *Plano Marshall* — fosse chamada a depor, a dar o seu parecer, a oferecer as suas sugestões, a colaborar com os seus elementos?

Toda a gente sabe que o Plano Marshall assenta as virtudes do seu objectivo principal — a recuperação económica da Europa —, em duas colunas principais: a de uma colaboração mais íntima dos povos europeus no plano político-económico-financeiro, que bem diz respeito à missão dos respectivos governos; e a de um auxílio de matérias primas, novos maquinismos, etc., etc., que dizendo respeito à mesma governação, não pode, implícita e explicitamente, deixar de pedir a colaboração apaixonada e sacrificada dos «trabalhadores», pois que é para uma valorização do trabalho, para uma maior e mais aperfeiçoada produção, no fim de contas, que se espera que o Plano Marshall de salvação da Europa surta eficazes resultados!

E que organizações trabalhadoras, repetimos, foram chamadas, de forma a que a sua colaboração não seja só mecânica, só material, para que o trabalhador ponha, na obra de salvação comum, mais alguma coisa que o seu esforço material — a sua inteligência, a sua dedicação, a sua cooperação integral?

Fala-se agora muito em «3.ª Força», talvez para designar aquele meio termo que fica a meio dos excessos, avançados ou retardados, e para significar ainda que, seja nos pleitos de índole política, seja nos de carácter social, e mesmo internacional, é aquele «enquadramento» onde a grande massa dos trabalhadores conscientes, que se não quer deixar arrastar por «velharias», nem enfeudar-se a «novidades» temerárias, pode encontrar a sua expressão ideal e o seu ambiente próprio de actuação, valorização e cooperação com os outros homens, os governos e os povos, para a consecução de um mundo melhor!

Mas... e a estructura social fica a mesma?! Então não vale a pena, e enquanto ela se não «modificar» radicalmente, toda a esperança é vã, como toda a promessa é falsa!

LUSITANUS

E ESTA?

Sim! E esta?

Duvidam, nem mais nem menos, que o dinheiro para lançar «O Trabalhador» tenha vindo das mãos dos operários!

— Não estará nada por detrás? — diz-se à boca pequena em grandes centros: Um partido político em formação?

Camaradas! Que venham ver. Aqui não há segredos. Mostra-se tudo a quem quiser vir ver. Qual partido político, nem qual carapuça!

Eles não acreditam que o vosso dinheiro tenha sido dado para a S. E. T., sem quaisquer outros intuitos que não seja o levantamento moral e material das classes trabalhadoras. Só, só, só.

Eles não acreditam!!!

Mas ainda hão-de ver mais e melhor! Não é verdade?

Sim! Ainda hão-de ver que os operários não só deram o dinheiro, mas também hão-de impor o «seu» jornal, fazê-lo grande, lançá-lo por toda a parte e fazer dele, um dia, a realização do seu sonho!

Ainda hão-de ver mais e melhor. Não é verdade?

O «TRABALHADOR» NO NORTE

Pai para uns, padrasto para outros

Porque ha três horários para os Funcionários de Secretaria dos C. T. T.?

Agora que as iniciais têm largo uso e que para tudo se arranja uma explicação mais ou menos pitoresca, conforme a importância do elemento visado e de harmonia com o espírito faceto de cada um, não é raro ouvir dar às iniciais C. T. T. (Correios, Telégrafos e Telefones) a interpretação bizarra e um tanto injusta de Corre tudo torto e... com tantos técnicos. Enfim, embora nem sempre concordemos com os serviços, ou nem sempre compreendamos porque razão sucede desta ou daquela maneira, e não deixando de reconhecer os inegáveis benefícios que nos proporcionam, não é, pròpriamente, da justiça ou injustiça da tradução que vamos ocupar-nos. Vamos, sim, focar o que nos parece ser de uma flagrante injustiça, uma desumanidade palpável, e que se passa nos C. T. T. afectando os funcionários dos serviços burocráticos.

O Decreto-Lei n.º 19.478, de 18 de Março de 1931, que regula a vida do funcionalismo público, estabelece no seu artigo 1.º que o horário dos funcionários de Secretaria é de seis horas, com início às 11. Todos nós, por conhecimento directo, ou, até, por experiência própria, sabemos que assim é, na verdade. Com os Serviços burocráticos dos C. T. T., cujos funcionários são *funcionários públicos*, não sucede, porém, outro tanto. Ou melhor, nem com todos.

Vejamos: o decreto-lei n.º 36.155, de 10 de Fevereiro de 1947, que reorganizou os serviços, quadros e vencimentos do pessoal dos Correios, Telégrafos e Telefones, estabeleceu que os horários dos funcionários de Secretaria passassem a ser de SEIS, SETE e OITO HORAS de trabalho, assim distribuídos: seis horas, para os das repartições centrais, de Lisboa; sete, para os das secretarias de serviços externos (Circunscrições); finalmente, oito, para os das secretarias das estações centrais. É claro que a natureza dos serviços é a mesma — são tudo serviços burocráticos.

Até antes da publicação da reorganização que precedeu a actual, em todas as secretarias, à excepção da «exploração» pròpriamente dita, e algumas não tinham, ainda, esta designação, a duração dos serviços foi sempre de seis horas, como preceitua o Decreto-lei n.º 19.478, de 18 de Março de 1931. Algumas secretarias mantêm a mesma quantidade de serviço, donde resulta que os seus funcionários estão agora a fazer em sete horas o que, antes, faziam em seis. Noutras, porém, em que o serviço aumentou, não se aumentou, como era justo, o número de funcionários, donde se infere claramente que estes são prejudicados.

Ao mesmo tempo, verifica-se que os vencimentos se mantêm, nem sequer acompanhando o aumento introduzido no horário de trabalho. Houve, pois, um Decreto-lei que estabeleceu como novo horário aquilo que, para outros, seria considerado como horas extraordinárias e, como tal, pago pela entidade patronal.

No caso dos que passaram a fazer em sete o que, até aí, faziam em seis horas, por não haver aumento de serviço, pode dizer-se que houve benefício, apesar de lhes tirar uma hora, para o que quisessem aproveitar, como fazem os seus colegas do funcionalismo público. Mas admitamos que é um benefício, pela folga que lhes proporciona.

Aqueles, porém, que viram aumentar o serviço e manterem o mesmo pessoal, esses, sim, é que sentem, verdadeiramente, a injustiça do procedimento a que a vida os obriga. No nosso modesto entender, o funcionário em tal regime é afectado de desgaste mental, vê desvalorizado, digamos, o seu grau de saúde, o que dá em resultado que aumente o número de «baixas» por doença.

Perante a entrada em vigor do decreto-lei n.º 36.155, surgiram protestos dos funcionários. A tais protestos, respondeu o Sr. Administrador Geral dos C. T. T. com uma palestra em que, como soube, justificou os termos do diploma, advertindo os lesados da necessidade do cumprimento do que fora legislado. Esta palestra, que foi gravada em disco, correu, depois a província para conhecimento dos que a não ouviram, pessoalmente, ao Sr. Administrador Geral. Evidentemente que nos não insurgimos contra o acatamento que, para bem de todos, todos nós devemos ao que é superior e inteligentemente determinado. O que, porém, não compreendemos é porque se deixa verificar, uma vez mais, o aforismo popular — *pai para uns e padrasto para outros...*

Porque, afinal, se todos são funcionários públicos, não se compreende a diversidade de tratamento. Mas, admitindo que é necessário que assim suceda, perguntamos: porque não é aumentado o pessoal, onde tal aumento é necessário? Para não aumentar as despesas? Por falta de consideração para com os funcionários?

Em qualquer das hipóteses, e nenhuma delas merece, sequer, ser considerada, não está certo.

Pondo, já, de parte, a bizarria irritante de haver três horários, na mesma entidade e para a mesma natureza de serviços.

O «Fiel Amigo» mal tratado

Francamente, isto não é de admitir nem como hipótese, mas a verdade, a dolorosa verdade, é que um dos nossos melhores amigos — o povo chama-lhe mesmo «Fiel Amigo», o que hoje é raríssimo encontrar-se, infelizmente —, depois de gravemente ferido no mar, está a ser pèssimamente, criminosamente tratado!

Chegam até nós vários e indignados protestos de pessoas que sabem perfeitamente que a cura pode fazer-se por forma a torná-lo útil à sociedade e não se conformam com a ideia de que ele fique para aí um desgraçado, sem encontrar quem o aceite, ou então tenha de ser socorrido por toda a gente, ficando ainda o seu enterro a expensas do povo.

Vamos colher pormenores junto daqueles que mais de perto conhecem o estranho caso e no próximo número, se Deus quiser, daremos aos nossos leitores, com as necessárias apreciações, um relatório completo sobre o estado do enfermo.

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

3 meses . .	12$50
6 meses . .	25$00
1 ano	50$00

Pagamento adiantado. Como «O Trabalhador» não fará cobrança das suas assinaturas, pelo correio, só enviaremos o jornal a quem nos remeter a importância respectiva em vale do correio ou por qualquer outra forma prática.

ASSIM FALAM E PROCEDEM OS PATRÕES MODERNOS

Do «Boletim Social dos Industriais», da Bélgica (n.º de Dezembro de 1947), traduzimos o final do importante discurso que Léon Bekaert, Presidente da Federação dos Patrões Cristãos daquele progressivo país proferiu há pouco, na sede da Federação, subordinado ao título sugestivo de COLABOREMOS NAS REFORMAS DE ESTRUCTURA:

«Num país cristão como o nosso, em que as massas operárias permaneceram, apesar de todos os maus pastores, fundamentalmente honestas, o que os trabalhadores desejam não é a subversão da ordem social. Mas, na ideia que fazem duma ordem social nova e melhor, o que esperam, antes de tudo, é que erguendo os olhos para o seu patrão, possam reconhecer que aquele que os comanda é verdadeiramente um homem escravo do dever; um homem para o qual o objectivo da vida não é o dinheiro; um homem cuidadoso em se conformar, em todas as suas decisões, com a justiça, mesmo contra o seu interesse pessoal; um homem leal, cuja palavra é sempre verdadeira, que é fiel à sua palavra, e cumpre as suas promessas; um homem que tem a preocupação dos interesses, da dignidade, do descanso, da segurança, das legítimas susceptibilidades dos seus operários; que dá a todos a verdade com uma prudente rectidão de carácter, que pratica a bondade e é afável para todos os que dele se aproximam, moderado nas suas críticas e generoso nos seus perdões, ao nível de todos os seus deveres e deixando a cada um as suas responsabilidades. Homem recto, no seu devido lugar, que se não deixa vencer por nada nem a nada pretende impor-se, porque as situações como os homens encontrá-lo-ão sempre fiel, pois não alberga dentro de si senão uma ambição: a de servir!!!»

Aprendamos Economia...

por ABEL VARZIM

NOÇÕES FUNDAMENTAIS [II]

Depois de sabermos o que é um *bem* económico e uma *riqueza*, vamos aprender agora o que é uma *mercadoria*.

E não há nada mais simples... excepto para os ferroviários. Estes, com efeito, chamam «comboio de mercadorias» a uma série de vagões carregados de produtos que podem ou não ser mercadorias. Não nos fiemos, portanto, na ciência económica dos ferroviários, para este efeito.

Fixemos então: *mercadoria* é uma *riqueza* qualquer (ver n.º anterior do nosso jornal) submetida à *troca*.

Vamos a exemplos: se comprar um lápis para meu uso pessoal, o lápis é ou não uma mercadoria? Já estamos a ver que, quando o comprei, *era* mercadoria, porque estava «submetido» a troca: troquei umas tantas moedas por ele. Mas, depois de o comprar para meu uso pessoal, deixou de ser mercadoria, isto é, deixou de estar destinado a troca. É para meu uso, não é para trocar ou vender — o que é a mesma coisa, porque vender é trocar.

Assim entendidas as coisas, podemos concluir que uma casa, se for para vender ou trocar, é uma mercadoria, mas se for para viver nela o seu dono, não o é. E quem diz uma casa, pode dizer qualquer outra coisa susceptível de ser trocada por outra, enquanto estiver destinada ou submetida a troca. Portanto o que faz duma riqueza uma mercadoria é a troca.

E o que é a *troca*? — Uma operação pela qual um indivíduo cede a outro uma «riqueza» que tem a mais ou que pode dispensar, recebendo do outro uma «riqueza» de que necessita. Dá um bem que para si não tem utilidade, para receber outro, que lhe é útil ou agradável. Pela troca permutam-se *utilidades*. Cada um cede o que lhes é menos útil pelo que lhes é mais útil — o que é grande benefício para ambos...

Exemplo: se eu tenho dois lápis e só preciso de um, o outro tem para mim pouca utilidade. Mas pode ter muita utilidade para o meu camarada que não tem nenhum. Se ele tiver também, em duplicado, uma «riqueza» que eu não tenho, podemos trocar o que eu tenho a mais e ele a menos, pelo que ele tem a mais e eu não tenho. Trocamos, no fim de contas, utilidades.

A troca supõe, porém, utilidades iguais ou valores equivalentes entre os bens trocados. E isto leva-nos à noção do *valor* das mercadorias.

Mas, antes disso, voltemos à *troca*, que tem muito que se lhe diga. Atenção!

A troca chama-se *directa* quando um bem se permuta directamente por outro: um chapéu por um par de sapatos; uma casa por um automóvel, um machado por uma ovelha. Foi o sistema usado primitivamente entre os homens e ainda hoje o é... pelas crianças. Cria, porém, grandes obstáculos ao desenvolvimento das trocas, porque:

1.º é preciso encontrar a pessoa que tenha aquilo de que eu necessito e que esteja disposta a aceitar aquilo que eu dispenso, o que nem sempre acontece. A maioria das vezes, será preciso procurar outras pessoas que entrem na combinação, isto é, haverá que fazer intervir outras pessoas, em trocas sucessivas, para adquirir o que me faz falta. Uma complicação!

2.º é preciso, além disso, que aquilo que desejo ceder tenha valor equivalente ao que desejo adquirir, o que também nem sempre acontece, antes pelo contrário. Assim, por exemplo, se eu tenho duas enxadas e não tenho nenhuma ovelha, quereria trocar uma enxada por uma ovelha. Mas o que tem a ovelha é que não está pelos ajustes. Quererá dar-me só meia ovelha por uma enxada, porque uma ovelha, por hipótese, vale duas enxadas. Ora como a ovelha partida a meio não serve e eu não posso ficar sem enxadas, a troca não se faz. Ou então tenho de me desfazer de outras coisas para adquirir mais uma enxada.

Estas dificuldades foram resolvidas pela troca indirecta, isto é, por intermédio de uma mercadoria aceite por todos e susceptível de ser repartida ou fraccionada sem perder o seu valor. Essa mercadoria é a moeda. Daí o dar-se a esta troca o nome de *troca monetária*.

A *troca monetária* desdobrou em duas operações a troca directa. Primeiro, troco a mercadoria, de que não preciso, por moeda; depois, troco a moeda pela mercadoria que me faz falta. Mas, apesar deste desdobramento, a moeda — mercadoria intermediária — facilitou muito as trocas, não só por ser aceite de todos, como por ser *divisível* e assim se poder fàcilmente trocar, pelo seu justo valor em moeda, qualquer mercadoria.

Já estamos vendo que a moeda pode desempenhar duas funções: *intermediário* de todas as trocas e *medida* de todos os valores.

Mas como isto já é avançar demais, ficamos hoje por aqui, com muita curiosidade de saber o que será essa «história» do *valor*, já que sabemos o que é a «história» da *troca*.

DENTRO EM BREVE, ESPERAMOS DAR AOS NOSSOS ASSINANTES UMA AGRADÁVEL SURPRESA.

Nota Internacional

O facto de o Mundo hoje se encontrar, sob os pontos de vista estratégico, político e social, nitidamente dividido em dois blocos, hostis um ao outro, explica a razão — dissemos aqui há oito dias — por que a própria política interna dos países que deles fazem parte, dantes determinada exclusiva ou preponderantemente pelos seus respectivos interesses nacionais imediatos, está sendo agora inspirada e orientada de maneira decisiva pela necessidade supranacional da defesa colectiva dos interesses comuns do bloco em questão.

No que diz respeito ao «bloco oriental», a ideia directriz da sua política de segurança colectiva é dada pela doutrina social comunista, de cunho estaliniano, baseada fundamentalmente no programa revolucionário do «Manifesto comunista», publicado por Karl Marx e Friedrich Engels fez agora precisamente cem anos. Mas só fundamentalmente, porque materialista como é, a ideologia primitiva de Karl Marx nega e combate abertamente, como é sabido, todo o lado espiritual da vida e actividade humanas, consideradas quer individual, quer socialmente. O chamado comunismo dialéctico leninista e estaliniano, que hoje oficialmente domina e informa a política do Governo soviético, foi por isso reformado e completado — sobretudo de 1941 para cá — pela consagração prática e activa do tradicional nacionalismo imperial russo, bem como pelo culto não menos potente e activo da velha mística pan-eslava, isto é, da fé na missão providencial do conjunto dos povos eslavos, como os russos, ucranianos, polacos, checos, iugoslavos, búlgaros, etc.

Do lado do «bloco ocidental» não se pode, a bem dizer, falar ainda de uma única *ideia* directriz da sua comum acção política supranacional, já que por enquanto a sua crescente hostilidade ou resistência colectiva ao «bloco oriental» é ainda mais de natureza estratégica e oportunidade táctica do que de essência ideológica pròpriamente dita. Todavia, ainda com esta reserva já temos agora pelo menos três indicações muito claras e precisas quanto à sua orientação geral. Com efeito, em Março do ano passado, o Presidente Harry S. Truman proclamou a intenção inabalável do Governo dos Estados Unidos de impedir por todos os meios ao seu alcance a expansão ou propagação do comunismo na América e a usurpação do Poder político, pelos partidos comunistas, nos países não pertencentes ao bloco oposto. É a chamada «doutrina de Truman». Em Junho seguinte, o Secretário de Estado — ou seja, Ministro dos Negócios Estrangeiros — norte-americano, George C. Marshall, pronunciou na Universidade de Harvard um discurso, convidando os povos da Europa devastada pela guerra a unirem-se todos num esforço solidário de colaboração recíproca, com o fim de vencerem a sua gravíssima crise económica comum, prometendo-lhes, para o efeito, todo o apoio material e político do povo americano. Como se sabe, este convite, que só foi aceite pelas Nações da Europa ocidental, a Turquia e a Grécia, é universalmente conhecido pela designação de «Plano Marshall».

Finalmente, na quinta-feira da semana passada, o Ministro dos Negócios Estrangeiros da Grã-Bretanha, Ernest Bevin, declarou no decurso da importante e significativa exposição sobre a política externa do seu país, que, em vista da persistente atitude negativa do Governo de Moscovo em continuar a colaborar com os seus aliados ocidentais no mesmo espírito de boa-vontade dos anos da guerra, a Inglaterra prontificava-se a promover, da maneira mais eficiente e rápida possível, a solidariedade económica e cooperação política entre as Nações do Ocidente europeu, suas vastíssimas possessões ultramarinas no Continente africano e na Ásia, os países da chamada Liga árabe, etc., com o fim de, todos juntos, formarem uma espécie de «terceira força» entre os dois extremos de Moscovo e de Washington, igualmente rica em recursos naturais e igualmente forte em possibilidades políticas. É o projecto da chamada «União Ocidental».

Escusado é assinalar que, pela sua importância decisiva na evolução da política internacional destes tempos mais chegados, estes três grandes programas: «doutrina de Truman», «plano Marshall» e «União Ocidental» de Bevin, merecem estudo mais profundo e comentários mais pormenorizados. É intenção nossa fazê-los, aos poucos, nestas breves e simplíssimas «Notas», devendo no entanto declarar também pela nossa parte, como a Redacção do «Trabalhador» já o fez no último número, que com estas «Notas» nada mais pretendemos do que informar e expor, com a clareza e a objectividade humanamente possíveis, os condicionalismos e as correntes fundamentais da actual atmosfera política internacional, sem sombra de quaisquer tentativas de proselitismo ou propaganda. Pelo contrário, criados e formados como temos sido desde a idade escolar no espírito social cristão, admitimos e respeitamos em absoluto, neste domínio cada vez mais importante da acção social, todas as atitudes e opiniões divergentes, desde que sejam manifestadas e seguidas de boa-fé e com honestidade de propósitos.

RODOLFO FREDERICO KNAPIC

Um clamor impressionante

De uma carta recebida na Redacção, copiamos:

«Exerço a profissão na indústria vidreira, ou seja «brizilador» de chapa. Fundou-se uma Caixa de Previdência, salvo erro, há cinco anos. Desconto cinco por cento para a mesma, bem como todos os meus colegas, que são muitos. Os patrões, salvo erro, descontam sobre o nosso ordenado oito ou dez por cento para reverter em nosos favor. A Caixa deve ter um fundo de reservas para cima de mil contos. Esta destina-se à reforma aos 61 anos de idade, mas ouço dizer aos meus colegas que já foi passada para os 65 anos.

«Se adoecermos, por infelicidade nossa, e não pudermos trabalhar durante nove meses, perdemos o direito à miséria das regalias que a Caixa nos dá ou seja metade do ordenado. Que culpa temos nós que a doença nos mortifique 9 meses? Seremos nós que a chamamos? Somos nós que marcamos o tempo para ela se ir embora? E será justo só recebermos metade do ordenado?

«Na minha opinião, acho que devíamos ganhar mais ou, ao menos, o mesmo, pois com a doença vem o médico, os remédios, etc., etc., mas nem a triste metade é segura, pois, se a doença for grande, vai-se embora.

«Agora vamos à reforma. Tenho 36 anos de idade, trabalho na mesma profissão há 23 anos e não tenho conhecimento que nenhum dos meus colegas tenha atingido 55 anos de idade, por o serviço ser violento e sermos obrigados a andar na água, pois todos morrem com menos de 50 anos, e se algum, por acaso, chega a atingi-los, está pràticamente impossibilitado do trabalho. Não seria justo que se fossem reformando conforme se fosse verificando que não estão capazes para o trabalho? Não seria justo que, depois de tantos anos de trabalho violento e com os pés na umidade, passássemos algum tempo com um bocadinho de descanso, não por esmola, mas à custa do esforço que a gente fez durante tantos anos?

«E todos os que morrem antes de atingir a idade da reforma, para onde vai esse dinheiro? Será restituído à viúva? Virá esse dinheiro ajudar ao sustento e educação dos filhos? Estou convencido que há-de ser assim, mas se não for, creia, sr. Director, que ficarão muitas viúvas e centenas de crianças na miséria.

«Quando temos saúde para trabalhar, queremos esforçar-nos na esperança de que a educação e a vida dos nossos filhos seja melhor do que a nossa, damos-lhes melhor alimentação e nós deixamo-nos levar pela fraqueza, por não chegar o que se ganha para aquilo que a gente aspira na vida — que é o bem-estar dos nossos.

«Fico-lhe muito grato, sr. Director, pela publicação da minha carta, pois a própria amargura e a cruz ser tão pesada me fazem falar desta maneira».

Quem poderá continuar surdo a um apelo escrito assim?

Nós, não! A tua carta, prezado camarada, fica a atestar a tua grande alma, e a mostrar como é injusta a sociedade que tolera semelhante situação.

Pois então não será possível arranjar meio de trabalhar em melhores condições para a saúde? A Ciência, que tudo inventa, não há-de inventar processo de defender os pés da umidade? E de aliviar a dureza do trabalho?

E se o trabalho assim mata tão depressa, porque motivo não se prevê um aumento do desconto da parte patronal — embora com um ligeiro aumento de preço da mercadoria — para reformar estes homens a tempo e horas?

Ou será acaso que os homens não terão maior valor do que a chapa de vidro que, quando se parte, se substitui por outra?

Vai até este ponto o respeito pela vida humana, pela dignidade do operário?

Como não temos à mão elementos para te responder, gostosamente publicaremos aqueles que nos der o teu Sindicato ou a tua Caixa de Previdência. Seja, porém, como for, o teu clamor, a tua angústia, a «tua cruz» calaram fundo na nossa alma.

Se o nosso jornal não tivesse outra razão de existir, bastaria a tua carta para nos levar a fazê-lo.

Mas como tu, há muitos outros, tantos milhares de outros, que o nosso jornal há-de ajudar a resgatar duma vida deshumana que nada neste mundo justifica nem explica, a não ser o desprezo pelos direitos de quem honestamente trabalha e dá o seu esforço e a sua vida pelo maior bem dos seus irmãos.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

a voz dos nossos camaradas

Uma carta recebida logo após a saída do jornal, diz assim, textualmente:

Amigos

É simpático para nós, os trabalhadores, observar o cabeçalho do vosso jornal. Digo do *Vosso* e podeis crer que é com mágoa que não digo do *Nosso*...

Porém, não quero deixar de vos felicitar pela iniciativa, mas como militante operário cumpre-me dizer-vos que, sem análise amigável das várias correntes ideológicas que enchem a mentalidade das classes trabalhadoras, o vosso jornal não pode usar o sugestivo subtítulo de SEMANÁRIO DO POVO.

Como estou pensando que me acusais de comunista, devo esclarecer que sou apenas marxista...

Sauda-vos

José Claro.»

Temos pena de que a assinatura deste nosso camarada seja suposta. Poderíamos conversar então mais a preceito, particularmente (e não vinha para o jornal).

Nós pusemos ao nosso jornal o subtítulo de Semanário do Povo porque estamos convencidos de que ele é mesmo do povo. Não será de todo o povo? O nosso objectivo é que o venha ainda a ser.

Ele pertence aos operários que são os autênticos donos dele. Não recebe subsídios de ninguém, nem tem outro dinheiro que lhe não venha dos seus accionistas operários, da venda avulso, dos assinantes e dos anúncios. O jornal continuará assim, ou então cairá de pé! Jornal do povo, ou o povo o sustenta ou morrerá. Isso lho garantimos.

E dada esta explicação, nós, como cristãos-sociais, acreditamos que a salvação da classe operária está na dignificação da pessoa humana do operário, no seu acesso à propriedade pessoal, na sua elevação à direcção e à propriedade das empresas, e à direcção da economia nacional.

Uma nova economia, uma democratização de economia, de preferência a uma ditadura económica ou política.

A nós não nos interessa, aliás, discutir. Interessa-nos contribuir para a salvação da classe operária, na medida das nossas forças, e todos os homens de boa vontade podem colaborar connosco.

Muito penhorados ficamos com as saudações que nos dirige, e, por nossa vez, desejamos-lhe também muitas prosperidades e um grande espírito de sacrifício em prol do povo.

A segunda carta tem que se lhe diga.

Ela contém uma afirmação grave., mas conhecemos a pessoa que a subscreve, a qual nos garantiu a veracidade do que diz.

Sou beneficiário duma Caixa Sindical.

Como me sentisse mal, piorando de dia para dia, sem saber porquê, consultei o médico da Caixa.

Como piorasse, voltei, sem que nenhum dos médicos especialistas para que me remeteram atinasse com o diagnóstico exacto.

Como consolação, iam-me dizendo que a minha doença é incurável, que qualquer dia ainda havia de piorar mais, que não poderia viver muito mais e que sofreria muito com a doença.

De diagnosticar, nada; de receitar, muito menos, a não ser, de vez em quando, para experimentar.

— Vá aparecendo — diziam-me.

E eu aparecia de quando em quando para me auscultaram.

Até que um dia me tirei dos meus cuidados e fui a um médico especialista.

Paguei cem escudos pela consulta. Pois bem! Imediatamente o médico localizou a causa do meu padecimento: uma grave infecção que poderia impor uma operação, se não a atacasse a tempo.

Estou, neste momento, a fazer um tratamento caríssimo de penicilina.

A julgar pelo que me sucede, pergunto:

— Para que servem os médicos das Caixas Sindicais?

Não sei se o meu caso é um caso isolado. Sei que estou a descontar para ter assistência médica gratuita e finalmente verifico que de nada me serve.

Não quero duvidar da competência dos médicos especializados que me observaram. Mas os exames são feitos a despachar e o resultado é este que digo. Nos seus consultórios não são tão apressados.

Em resumo, e não masso mais: para mim são uma inutilidade os descontos que semanalmente incidem sobre os meus vencimentos.

E tenho dito.

De V., etc.

Apenas acrescentaremos, em corroboração da carta do nosso leitor, que o seu caso devia sugerir a necessidade duma fiscalização intensa sobre a assistência médica aos doentes que recorrem às Caixas, para impedir as anomalias que aponta — isoladas ou não, pouco interessa.

Está em causa o prestígio da Federação das Caixas.

///

E outra de incitamento:

Sr. Director

A reaparição do nosso querido jornal encheu-me de júbilo. Não calcula a satisfação que senti ao lê-lo sôfregamente e o prazer que de mim se apoderou ao pensar que o operário português tinha enfim o seu jornal.

Creio que V. terá que enfrentar sérias dificuldades, para manter firme a nobre jornada que iniciou. Os escolhos serão muitos, a adversidade trabalha na sombra e quase sempre ataca à traição, escondendo num gesto de covardia a adaga com que feriu num ímpeto de rancor, mas... nada de desânimo, sr. Director. Tem V. o apoio de todo o operário digno deste nome. Combata V. pelo seu bem-estar que mesmo nas horas mais angustiosas e amargas, ele saberá, num gesto nobre e de retribuição justa, ampará-lo e encorajá-lo, para que «O Trabalhador» seja o seu guia a encaminhá-lo para que enverede sempre pelo caminho do dever e da honestidade sem mancha.

Desejando-lhe do coração longa vida a «O Trabalhador»

Creia-me sempre afectuosamente

ANIBAL DE GAIA

De um leitor do Porto:

«Há três meses que aqui no Porto a Caixa de Previdência dos Profissionais do Comércio não paga o abono de família a muitos beneficiários antigos que continuam a fazer com toda a regularidade os respectivos descontos. Já se verificou um desfalque, na sede, em Lisboa, por viciação de cheques. Terá havido outro? Desde 1945 que nem contribuintes nem beneficiários souberam mais das contas daquela instituição. Não há contas nem satisfações a dar a contribuintes e beneficiários. Nem admira», etc.

O que nos conta este camarada é realmente muito grave e merece ser levado à consideração das entidades responsáveis. Destas colunas o fazemos, com tanta mais energia, quanto é certo que a reclamação já vem de longe e de muitos. É tempo de se dar satisfação a uma classe numerosa que está alarmada com o que se tem passado com esta Caixa de Previdência.

///

Um leitor residente no Estoril, tendo colhido a impressão de que nos dirigimos exclusivamente aos operários manuais, escreveu-nos uma carta de que extraímos o seguinte período:

«Como no n.º 1 não se referiram a todas as categorias de trabalhadores, mas por outro lado me pareceram bons combatentes, pergunto: — O facto de omitirem os intelectuais ou mesmo os que, possuindo uma relativa cultura, se dedicam às boas leituras, significa que estes e aqueles não são considerados pelos Senhores — trabalhadores como os outros?»

Em nosso critério, são trabalhadores todos os indivíduos que se encontram ligados por um contrato de trabalho, todos os que prestam serviços ou exercem uma função em troca dum salário ou ordenado. Mas vamos mais longe, pois que temos igualmente o pensamento posto em todos os que no meio de dificuldades económicas lutam pela vida trabalhando de cara direita.

DE UM OPERÁRIO A OUTRO OPERÁRIO

Encontro-te em toda a parte, com o maior agrado, na tua posição nobre de obreiro cumpridor e seguro no dever. Olho-te e observo-te com simpatia. Interessa-me o teu dia a dia, as tuas preocupações, filhas da tua responsabilidade de homem que se prepara para a vida ou alcançou já o lugar de chefe da pequena sociedade que é o Lar.

Solteiro ou casado, novo ou já sob o peso dos anos, és um valor, tens deveres e direitos.

Quero conversar contigo semanalmente aqui neste cantinho. Não me move qualquer pretensão a fazer discursos, a sentenciador ou a moralista. Será um conversar de amigo, como se estivéssemos ao lado um do outro, em dia de folga, num passeio pela estrada da tua aldeia, na avenida da tua vila ou cidade, ou a espreitar o sol, nestes dias de frio, a um recanto da tua residência.

A vida é feita de pequenas coisas, tal como a parede é composta de variadas pedras. O nosso camarada que se dedica àquele trabalho conhece os cuidados para erguer, alinhadas, as pedras todas, capazes de resistirem às tempestades batidas de todos os lados. Também a nossa vida exige nivelamento, ordem, disciplina para resistir aos ventos maus que a sopram sem piedade.

Distingo claramente as tuas ansiedades: És novo, alimenta-te o sonho de vires a ter junto de ti a companheira fiel, dedicada e amorosa a que tens direito, a qual, já eleita no teu coração ou ainda apenas no pensamento, deves esforçar-te por merecer. Há tanta coisa, naquele aspecto, a pedir um conselho, uma palavra amiga!

Se és casado, outro é o ambiente em que vives, outros são os deveres e as responsabilidades, que fazem de ti um homem em todo o sentido, e, por obrigação, um chefe e um educador.

Tanto que temos a dizer sobre aquela missão honrosa de marido e pai!

Este nosso encontro quer ser presença e estímulo, falar de amigo e irmão, perfeitamente identificado no propósito do nosso jornal em acarinhar e defender as nossas coisas, tudo quanto respeita às pessoas dos que trabalham, — o indivíduo e a família.

Sim, falar de amigo e irmão há-de ser este encontro aqui todas as semanas!

PAULO DA CRUZ

FORUM ABEL VARZIM DESENVOLVIMENTO E SOLIDARIEDADE © Todos os direitos reservados

APRENDER SEM QUERER

SECÇÃO DIRIGIDA POR CÉSAR

Chegaram as primeiras cartas dirigidas a esta secção; de aplauso, umas de encorajamento, outras; e finalmente de resposta às palavras cruzadas, outras.
Agradecemos as primeiras e as segundas e, a seu tempo, registaremos as últimas.
De modo geral as soluções dos problemas que pomos serão publicados 15 dias depois, juntamente com os nomes dos solucionistas habituais.
Houve alguns leitores que consideraram difícil o primeiro problema de palavras cruzadas; facilitá-los-emos para possibilitarmos maior número de respostas certas, a não ser que prefiram assim.
Antes de terminar este ligeiro intróito resta-nos agradecer ao nosso chefe da Redacção o alargamento do nosso espaço vital...

RESPONDA SE SABE...

(e se não souber leia um dos próximos números)

1) Que horas são num relógio, em determinado momento, sabendo-se que a partir do meio dia se passou já um quinto do tempo que falta para a meia noite?

2) E para rever os seus conhecimentos de geometria, diga quanto mede o ângulo formado pelos ponteiros dum relógio ao meio dia e um quarto.

3) Qual é a palavra portuguesa que contém todas as letras do alfabeto?

PARADOXOS OU DISPARATES

As dívidas são como as ratoeiras: largas para a entrada e apertadas para a saída.

*

Os homens são como os alfinetes: não valem nada se perdem a cabeça.

*

Quando se não tem aquilo de que se gosta, é muito prático gostar do que se tem.

*

Déficit é aquilo que resta quando já se não tem nada.

*

Era um galo tão sério, tão sério, que, cantando certa madrugada antes da hora, pediu a demissão.

*

Passara tanta fome, tanta fome, que tinha três metros de intestino por estrear.

*

Era tão desconfiado, tão desconfiado, que depois de lhe apertarem a mão contava os dedos com receio de que lhe faltasse algum.

ANTES PREVENIR...

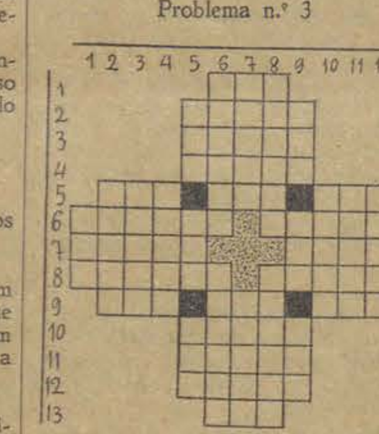
O patrão: Olga, esta noite, à frente dos convidados chamo-te «Maria». Entendeste?!
A criada: Está bem!
E como quer que eu o trate?
O patrão: Imbecil!
A criada: Ah! Tenha paciência! Mas lá isso é que não...

FALE COM PROPRIEDADE

Não diga: *nóvel*, mas *novel* (acentuando a última.
Em vez de *hóstil* diga *hostil*.
Em vez de *Anvers* empregue Antuérpia.
O emprego de *porque* (conjunção causal) e de *por que* (interrogativo) presta-se a muitas confusões que vamos tentar esclarecer com exemplos:
Por que não vieste? (Equivale a *por que motivo...*)
Resposta: *Porque* não pude vir.
Outro exemplo:
O ideal *por que* lutamos (equivale a *pelo qual*).

PALAVRAS CRUZADAS

Problema n.º 3



Horizontais: 1 — Coisa branca. 2 — Divisões. 3 — Fruto. 4 — Produto químico. 5 — Relação; mentira; bílis. 6 — Emigrante; cidade portuguesa. 7 — Letra grega; fogem (calão). 8 — Para escrever; aparara. — 9 Peço; raiva; pega. 10 — Casara. 11 — Insultar. 12 — Mosca-morta. 13 — Próprio das aves.

Verticais: 1 — Filtra. 2 — Rasgo. 3 — Dar óleo. 4 — Armadilha. 5 — Boas; negativa; fruta. 6 — Miolo, campainha. 7 — Cito; conflitos. 8 — Relativo a lábios; Manifestação militar. 9 — Bom; reflexo; círculo. 10 — A confiança. 11 — Plantas. 12 — Única. 13 — Gosta.

Solução do N.º 1

Horizontais: 1 — Letra; Baco. 2 — Mãe; Rala. 3 — Pé; Ósculo; Má. 4 — Ode; Tais; Pós. 5 — Desgarráveis. 6 — Encrua; Melão. 7 — Soer; Calem. 8 — Atacadas. 9 — Al, Acudir. Rn. 10 — Nós; Oran; Deu. 11 — Etérea; Apaga. 12 — Seres; Usares.
Verticais: 1 — Apode, Manes. Edens, Lote. 3 — Em; Escoa; Ser. 4 — Tão; Greta; Ré. 5 — Restaurações. 6 — Cara; Cura. 7 — Ruir; Cada. 8 — Balsamadinas. 9 — Alo; Velar; Pá. 10 — Cá; Peles; Dar. 11 — Moiam; Rege. 12 — Lasso; Ânuas.

Nota importante: Ampliamos, devido aos pedidos recebidos, o prazo do nosso concurso do 1.º número *«Se tivesse de queimar os livros que possui e só pudesse ficar com um, qual escolheria?»*
As respostas podem ser enviadas até 8 de Fevereiro.
Não se esqueçam os concorrentes de nos mandar o nome e a morada e (querendo) o pseudónimo.

UM PASSATEMPO

EMBARCAÇÕES

Substituir os pontos por letras e encontrar os nomes de embarcações.

. A . E .
. H . L . P . .
V . R . N .
. A . E . A
. L . N . H .
. O . D . L .
. A . E . R .
. R . G . E

. S . A . E .
. O . E
B . R . A . T . M

. A . Q . E
. A . U .
. A . E . T .
V . P . R
E . C . N .
C . R . V . L .

Representações

Aceitam-se para toda a Província da Beira Alta, de artigos vendáveis. Óptima organização. Carta com detalhes a ORGANIZAÇÕES MÉPÊ. — Rua Escura, 36 — Viseu.

Pneus e câmaras de ar

MABOR

Produção da
Manufactura Nacional de Borracha

CONTINUAÇÕES

O PROBLEMA DAS TABERNAS

(*Continuação da 1.ª página*)

«Eram quase duas horas da madrugada. Entrámos numa leitaria e pedimos um «galão». Atrás de nós, entraram dois operários, ainda jovens, que se sentaram a uma das mesas. Um dos empregados dirigiu-se-lhes imediatamente para lhes dizer que tivessem paciência mas que não podiam estar ali, assim com as suas roupas de trabalho!
Um dos operários, então, perguntou se ao balcão poderia ser servido. Como a resposta fosse afirmativa, pediu um café e comentou: Saímos há pouco do trabalho; a nossa roupa é de ganga, mas está limpa; não sei porque proíbem a nossa entrada nos cafés e leitarias! *Só nas tabernas é que temos cotação!»*

Lembrámo-nos destes dois casos quando lemos a notícia da discussão do assunto na Assembleia Nacional.
Ninguém, por certo, pensará que os males produzidos pelo ambiente da taberna poderiam ser evitados pela simples publicação duma lei que mandasse encerrar todas as tabernas. Há velhos e arreigados hábitos; não se conseguiria, de um dia para o outro, meter em casa os que estão acostumados a passar algumas horas por noite em frente dos «baldes de três».
Enquanto se não criar «de facto» o número suficiente de estabelecimentos e instituições que as substituam, enquanto por uma reeducação convenientemente dirigida se não conseguir fazer com que os frequentadores das tabernas prefiram frequentar tais estabelecimentos e instituições, aquelas não poderão talvez, deixar de ter as portas abertas durante uma parte do serão.
É preciso que aos trabalhadores seja dispensada a consideração devida, para que eles se não sintam apoucados em qualquer outro lugar que não seja ao pé das pipas do vinho.
Também não se deve esquecer que uma das causas que mais contribuem para a frequência das casas de vinhos é a falta de lares independentes, espaçosos e confortáveis.
Habitação, educação, respeito pela dignidade do trabalhador, eis alguns importantes aspectos da vida social, que condicionam toda a acção que possa tentar-se para evitar os efeitos perniciosos do ambiente desmoralizador das tabernas.

QUEM NOS OUVE?

(*Continuação da 2.ª página*)

se tudo; nada de *sonhadores* a aproveitarem aquelas *falhas* para manobrarem os mais fracos, enchendo-lhes a cabeça de miragens que são anarquia.
Como resolver o grave problema? Demos de mão a todos os embaraços e encaremo-lo de frente.
Partamos da família, na certeza de que só a dignificaremos dando-lhe os meios de ela se dignificar a si própria.
O que não for assim é andar atrás de moinhos de vento, é deixar o *verme* corromper o que ainda se pode salvar e ser riqueza da nossa Terra.
Tudo isto parecerá repetição desnecessária. Mas que é tudo o mais senão clamor de ontem repetido hoje?
Se insistimos de quem é a culpa?
Veja cada qual onde faz mal e dê-lhe remédio por forma a «que os direitos e os deveres dos patrões sejam perfeitamente conciliados com os direitos e deveres dos operários». À roda deste ponto de vista, tão simples como importante e sempre actual, deve resolver-se a causa em litígio se queremos que a doença maligna dos «direitos lesados» acabe com honra para ambas as partes e desapareça o escândalo a que chegou a situação do trabalho sem a remuneração devida.

C. A.

O HOMEM E A MÁQUINA

(*Continuação da 1.ª página*)

estão previstas, orçamentadas, as perdas motivadas por falta de pagamento, voluntária ou involuntária, e até o seguro para o caso de haver danos.
A anomalia que, repetimos, não sabemos se está legalizada, avulta ainda mais se considerarmos os lucros que a Companhia aufere com as prestações.
Vejamos o caso da máquina doméstica, cuja utilização, por mais generalizada, é a que nos vai servir de ponto de referência das nossas deduções.
A pronto, essa máquina custa Esc. 3.800$00; a prestações, 4.750$00. A primeira prestação é de 325$00; as seguintes são de 180$00 mensais.
O juro será de 12.5 % sobre Esc. 3.800$00; ou seja: 4.750$00 — 3.800$ = 950$00 de lucro em dois anos, o que dá uma percentagem de 12,5 % ao ano. Junte-se a este juro o lucro de 30 % que a Companhia tira numa máquina a pronto, e ver-se-á que mina é esse negócio!
Quem paga esses lucros? — Os sacrifícios incríveis da costureirinha que sonha com a sua independência.
Pense agora o leitor na amizade que essa costureira ganha à máquina à medida que o pesadelo das prestações vai desaparecendo, e que alegria não sente quando finalmente respira ao ver-se livre dele.
A máquina será para ela como um pouco do seu próprio ser; é mais que isso: é os próprios olhos da cara, visto que foi isso que lhe custou.
E pense agora o leitor, se a fatalidade lhe bate à porta e tem de desfazer-se da máquina, na dor que representa esse transe.
Lá está o penhorista para sugar-lhe os juros mensais — e que juros, Santo Deus! E não se sabe por quanto tempo. Mas isso é assunto que merece maior reflexão ainda.
A ele voltaremos.

PEDRO MANUEL

Grande Novidade

para Bicicletas e Automóveis!

Galhardetes em cetim de seda, dos clubes Porto — Benfica — Sporting — Belenenses e outros. Enviai-nos 8$00 em selos do correio e recebereis a melhor recordação do vosso clube favorito. A maior e melhor novidade.

ORGANIZAÇÕES MÉPÊ
Rua Escura — Viseu

S.E.T. — SOCIEDADE EDITORIAL
«O TRABALHADOR»
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO (provisórias)
Rua das Janelas Verdes, 47 — LISBOA
Telefone 61464

Camisaria TUFÃO, L.DA
CAMISAS POR MEDIDA

Rua Nova do Almada, 76
LISBOA Telef. 21831

JULGAS QUE MANGAS COM A TUA MÃE?

— Ó João, vai-te arranjar! São horas de ires para a escola. Tu não ouves?
O João tem dez anos. Ouve muito bem mas continua impassível a guiar pelo chão a caixa de fósforos transformada em automóvel:
— Rrrrr...
Ouviu muito bem, mas não ligou ou logo esqueceu a ordem da Mãe. O João já está acostumado àquelas coisas e sabe que não corre perigo por enquanto.
— Ó João, tu ainda aí estás?
— Hum, — responde o pequeno — e perde-se logo na brincadeira ao dar uma curva perigosa à volta da perna da mesa.
— Ó João, tu não ouves a tua Mãe? Olha que tu apanhas!
— Já lá vou...
Trás! O automóvel chocou com a camioneta (Era a caixa da costura da Mãe. Lá vão linhas, lá vai tudo. Uma rápida «arrumação» e continua a brincadeira).
Passam-se mais cinco minutos. O bom do João continua pelo chão, desgrenhado, a explicar-se a um polícia imaginário que quer prendê-lo por causa do desastre. Mas aproxima-se outro desastre!
A Mãe gostaria de ter um filho obediente, mas, sobretudo, não o quer ignorante. Chega à porta, encontra-o ainda naquele preparo, quando já devia estar na escola, que é dali a dois passos, sobe-lhe o sangue à cabeça, e...
— É sempre a mesma coisa. Cansa-se a gente e eles não ouvem. Mas julgas que mangas com a tua Mãe? Queres ficar burro! Toma que eu te digo. Toma que só assim é que ouves! Toma!...

*

E assim foi! Sopapos, pontapés, choros e gritos e tudo por nada... Porque, se o garoto tivesse atendido logo à primeira e tivesse obedecido, já a Mãe não se exaltava e não tinha havido cena nenhuma.
Acreditem que estas cenas fazem mal ao carácter das crianças. Marcam-nas para sempre com o cunho da revolta. Não o sabem naquela altura; mas lá fica a marca de que, até no lar, a violência era quem vencia e não a autoridade e o respeito. A elas, no fundo, tanto lhes faz obedecer agora ou daqui a dez minutos. Isso é apenas uma questão de hábito. Mas, que a submissão final seja sempre acompanhada de ralhos e pancada, isso faz aproximar irremediàvelmente um dia em que o jovem se esquece do respeito devido aos Pais e se torna um revoltado contra a sua autoridade.
Ai, os erros e descuidos na educação dos filhos, insignificantes agora, têm consequências tão graves quando aumentados pelo tempo!
A criança novita, quando não está atenta às palavras da Mãe, não tem intenção de «mangar com ela» — mas a verdade, a verdade é que acontece desinteressar-se, «não ligar» ao que a Mãe diz. Assim se esquece de obedecer!
Cuidado! da desobediência nasce maior desobediência e, por fim, o desprezo.

C. M. A.

Às donas de casa

Maneiras de poupar

Não achamos que devam aconselhar a vossos filhos e maridos o uso do fixador. Parte o cabelo, enfraquece-o e fá-lo cair! Mas, apesar disso, a verdade é que eles o usam, ainda que as suas mães ou mulheres não gostem...
Nesse caso, o vosso papel, donas de casa, é fazer com que o uso do fixador pese o menos possível nas bolsas deles ou vossas. Fabriquem em casa fixador absolutamente igual ao da loja:

10 gr. de goma adragante.
1 litro de água aproximadamente.
1/2 dl de alcool ou água de Colónia.
Umas gotas de brilhantina.

Mistura-se a goma aos poucos com a água fria até ficar da consistência desejada, batendo sempre com uma colher de pau grande para ligar bem. Deixa-se descansar umas 12 horas para desfazer os gorgulhos. Em seguida junta-se o alcool ou água de Colónia e a brilhantina. Também se pode juntar um bocadinho de còrante para a mistura ter um aspecto mais agradável à vista: Vasa-se em seguida o fixador para os potes ou garrafas preparados para o receber.

Medicina caseira

Mãos gretadas — As donas de casa, que têm sempre as mãos dentro e fora de água, queixam-se amargamente, no inverno, do cieiro e das mãos gretadas.
Depois de tirar as mãos da água e de as secar levemente, deverão polvilhá-las com farinha de aveia para prevenir o cieiro.
Para remediá-lo devem untar-se as mãos com glicerina. Mas, se as mãos estão já gretadas, deve usar-se vazelina até que melhorem, ou vazelina primeiro e, daí a 5 minutos, muito pouca glicerina por cima. A glicerina faz arder muito e até inflama durante um bocado as mãos já gretadas.
Beiços gretados — Para estes é bom preventivo e bom remédio a manteiga de cacau ou glicerina, que se compram na drogaria.
Rouquidão — Mel virgem misturado num copinho pequeno com sumo de limão e tomado às colherzinhas, deixando escorregar lentamente pela garganta abaixo, é um óptimo remédio contra a rouquidão.
Ou então... chá de diabelha, em gargarejos.
Frieiras — Um banho com água muito salgada, tão quente quanto se possa aguentar, antes de deitar, durante duas ou três noites seguidas costuma secar as frieiras. Esfregá-las com álcool pode também secá-las quando não são muito fortes. Ambos os remédios só se podem aplicar antes de as frieiras virem a gretar.
Tomar cálcio e Vitamina C, diz-se, evita as frieiras.

CANTIGA

— Ó Manel já te não quero
— Também não te quero mais.
És como as outras mulheres;
São todas, todas iguais!

Coro:

Ó Virgem Nossa Senhora
Do Desterro, Mãe da Serra!
O teu sorriso é uma aurora,
Alumia toda a Terra.

— Os rapazes de hoje em dia,
Não se encontra um capaz!
— Não digas isso, Maria,
Tu gostas cá do rapaz.

— Se gosto, é cá comigo
E não to hei-de dizer.
— Não dizes tu, mas eu digo
Hei-de amar-te até morrer.

Querem que publiquemos a música que vai com estas quadras recolhidas junto da Serra da Estrela?

FALTA DE ESPAÇO

Pergunta: Já não tenho gavetas para arrumar tantas meias e camisolas e tanta mais coisa. Que hei-de fazer?
Resposta: Vê-se na gravura aqui junta! Quatro gavetas penduradas num cabide. Ein!?
Dos lados podem pregar-se umas tiras com molas para não caírem as coisas.

A MULHER E O GATO

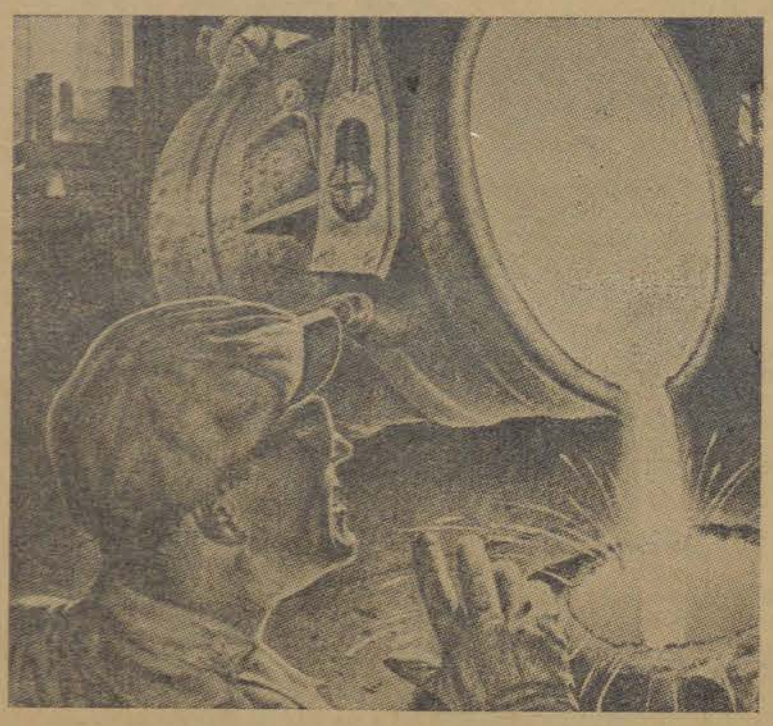
ADAPTAÇÃO DUM CONTO DE KIPLING por Adriana Rodrigues

A panela fumegava, e pela casa espalhara-se um cheiro agradável a sopa de grão. Um a um, tinham já chegado os membros da família. A mesa estava posta. Ia servir-se o jantar. O tio Joaquim — velho marinheiro que correra as sete partidas do mundo e não voltara a embarcar por se ter aleijado numa das pernas — fumava o seu cachimbo e espreitava a rua molhada. O pai lia o jornal, já sentado à mesa. A Rosa trazia os pratos a transbordar de sopa fumegante. No berço dormia o mais pequeno, e a mãe, junto à chaminé, arranjava o lume. Voltando-se, disse: «—Não sei onde pára o gato...» «— E tu a ralares-te! — respondeu o pai, dobrando o jornal — Vamos mas é à sopa!»
O tio Joaquim deixou de olhar a rua molhada, e veio sentar-se à mesa, arrastando a perna doente.
Começaram a comer em silêncio. Por fim, o velho levantando a cabeça e fitando a sobrinha, disse na sua voz pausada: «— Ó rapariga, sabes o que me lembras com a tua mania do «onde está o gato»? Uma história que contavam lá pela Índia e que até me disseram a escreveu depois um célebre escritor inglês!
— Ó tio, conte, — pediu a Rosa, que estava sempre pronta para ouvir histórias.
— «Pois lá vai, e só para fazer a vontade à pequena, que hoje a perna não me larga, — voltou o velho, que sempre gostava de se fazer rogado.
«Tempos houve em que todos os animais eram selvagens: o cão, o cavalo, a vaca, o gato e até o homem! Mas o mais selvagem de todos os selvagens era o gato. Andava por onde lhe apetecia e fazia o que muito bem queria.
«O Homem também era selvagem e só deixou de sê-lo quando encontrou a Mulher...»
O tio Joaquim calou-se um momento para beber, e o pai e a mãe entreolharam-se sorrindo. — Não teria sido assim também com eles? Não era ela a que ordenava a casa e a vida? E como se lhes adivinhasse os pensamentos, o tio Joaquim prosseguiu: «Ela arranjava-lhe a caverna, em que passaram a viver. Cobriu-lhe o chão de areia, e para a resguardar do vento pendurou uma pele de cavalo selvagem à entrada; depois acendeu um belo lume e nessa primeira noite comeram carneiro assado, perfumado com plantas bravas; e o Homem deitou-se a dormir diante do fogo, e a Mulher ficou a pentear os seus longos cabelos.
No bosque, os animais viram o clarão que vinha da caverna e disse o Cavalo Selvagem para os companheiros: «Ó meus amigos e inimigos, porque teriam o Homem e a Mulher acendido aquele clarão mágico dentro da caverna?»
O Cão Selvagem levantou o focinho e cheirando-lhe a carneiro assado, disse: «Eu vou lá ver, porque me parece ser coisa boa. Ó gato vem comigo!»
— «Nessa não caio eu! Eu sou o gato que ando por onde me apetece, e só faço o que muito bem quero!» «— Pois nunca mais seremos amigos, — disse o Cão, dirigindo-se para os lados da caverna. Passado algum tempo, disse o Gato para consigo: «— Porque não hei-de eu também ir espreitar?» E lá se foi muito devagarinho, sem que ninguém suspeitasse de que ele estava à espreita.
Quando o Cão chegou à entrada da caverna, levantou a pele de cavalo, com a ponta do focinho e farejou o rico cheiro a carneiro assado; e a Mulher, que o viu, sorriu-se e disse: «—Lá vem o primeiro visitante do bosque selvagem». E perguntou-lhe o que queria.
«—Ó minha inimiga e mulher do meu inimigo, que delicioso cheiro é este que chegou até ao meu bosque selvagem»? Então a Mulher pegou num osso de carneiro e atirando-o ao Cão, disse: «— Prova, animal selvagem». O Cão roeu o osso e achou-o mais saboroso que tudo o que tinha provado até aí, e disse à Mulher: «— Ó minha inimiga, dá-me outro». «— Dar-te-ei tantos quantos queiras, respondeu ela, se ajudares o Homem durante o dia a caçar, e se à noite me guardares a casa».
«—Ah! — disse o Gato do seu esconderijo, — esta Mulher é esperta; mas eu ainda sou mais».
O Cão foi deitar a cabeça no colo da Mulher e disse: «Ó minha amiga e mulher do meu amigo, eu assim farei.»
— Ah! — tornou o gato. Que Cão tão tonto!» e voltou para o bosque selvagem, tendo no entanto o cuidado de não dizer nada a ninguém do que presenciara.
Quando o Homem acordou, e viu o animal, perguntou: «— Que faz aqui este Cão Selvagem?»
«— Já não se chama assim, — respondeu-lhe a Mulher. Agora o seu nome é Primeiro Amigo, porque ficará connosco para sempre. Leva-o contigo e vai caçar...»
Lá fora ouviu-se o ruído duma corrente, e a Rosa disse: «O Nero parece que está também à escuta da história!» — «Cala-te e deixa o tio continuar, — ordenou o pai, que apesar de homem ainda era guloso por histórias como um garoto.

(*Continua no próximo número*)

FORUM ABEL VARZIM DESENVOLVIMENTO E SOLIDARIEDADE
Todos os direitos reservados

O TRABALHADOR
SEMANÁRIO DO POVO



IMPÕE-SE A REVISÃO

DAS CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS METALÚRGICOS

SE NÃO FOSSEM AS HORAS EXTRAORDINÁRIAS, QUE OBRIGAM A UM DISPÊNDIO DE FORÇAS EXAUSTIVO,

OS VENCIMENTOS SERIAM INSUFICIENTES

A profissão dos metalúrgicos — que abrange técnicos e operários metalúrgicos e metalo-mecânicos, segundo o baptismo sindical, tem sido considerada — já veremos com que fundamento — a profissão mais bem remunerada do distrito de Lisboa.

E citam-se, a propósito, os vencimentos astronómicos de alguns, que se aproximariam muito dos duzentos escudos diários...

*

A primeira nota que nos saltou à vista, numa despretensiosa digressão por algumas oficinas, foi a complexidade e variedade dos serviços metalúrgicos; desde os desenhadores, controladores e verificadores até aos bate-chapas, ou ferradores, há um sem número de especializações dentro das quais muitos operários são especializados.

Não resistimos à tentação de registar as diversas modalidades de operários metalúrgicos, para se avaliar a dificuldade que pode oferecer a sua organização sindical e, o que especialmente interessa ao nosso caso, a unidade de vistas sobre as reivindicações sociais da classe.

São metalúrgicos os indivíduos que exercem a sua actividade como acabador, afinador de máquinas, aguçador de ferramentas, alisador, amolador, aparador, aplainador, apontador, arameiro, atarracador, atarraxador, caldeireiro, canalizador, cardeiro, carpinteiro de moldes, chapeiro ou bate-chapas, chegador, chumbeiro, cinzelador (de metais não preciosos), classificador, colhereiro, condutor de quinchos ou de pontes rolantes, controlador, cortador, cravador, cravista, decapador, desenhador, embalador, endireitador, entregador de ferramentas, escolhedor, escovador, esmaltador, esmerilador, espalmador mecânico, espigador, estampador, estanhador, ferrador, ferramenteiro, fiel, fiscal, foqueiro, forjador ou ferreiro, forneiro, fresador, funileiro, furador, gasogenista, gravador (de metais não preciosos), guilhotineiro, laminador, latoeiro, limador, lingoteiro, maçariqueiro, macheiro de fundição, malhador, mandrilador, maquinista, marcador, metalizador por galvanoplastia, montador-ajustador de máquinas, montador de peças, motorista (força motriz), parafuseiro, pesador, picador ou repicador de limas, picheleiro, prequeiro, prensador, preparador de areias para fundição, puxador de pontas, raspador, rebarbador-limpador, rectificador, repuxador, revistador de produtos, serrador de ferro, serralheiro, servente, soldador, tachista, temperador de limas, torneiro, traçador por desenho, trefilador, turbineiro (força motriz), verificador, zincador e outras similares.

Na especialização que todas estas categorias supõem e exigem reside, para os operários metalúrgicos um perigo de que nem toda a gente se apercebe, talvez porque não existem desempregados na profissão.

Expliquemos melhor:

A preocupação de um operário — aliás louvável e digna de todo o apoio moral e principalmente material das empresas — é valorizar o seu trabalho pela especialização.

O «tapa-buracos» que está disposto a substituir qualquer operário que falta momentâneamente, prejudica as empresas, porque é menor o seu rendimento, e prejudica-se a si próprio e ao seu futuro, porque nunca aprende a fazer um trabalho com perfeição. Há segredos que só a muita prática ensina e que os «amadores» nem de longe pressentem. Em cada trabalho especializado todo o corpo e toda a alma entram em movimento e só os especialistas sabem e sentem vibrar-lhes todo o ser quando executam o trabalho.

Ora se um destes se desemprega, não dá nada noutra profissão e enquanto não se coloca novamente no seu mister, não só ganhará pouco, mas sofrerá também muito.

Vencimentos astronómicos ou insuficientes ?

Dissemos que a classe não tem actualmente desempregados, pelo muito trabalho que tem havido, ao ponto de serem muito poucas as empresas que não pedem licença para horas extraordinárias a fim de poderem manter os prazos das encomendas.

Como os vencimentos são razoáveis, a maior reivindicação da classe não diz respeito aos salários actuais.

Muito naturalmente todos gostariam dum aumento, mas a maioria — e esta maioria não é simples força de expressão — preferia que o custo da vida diminuisse de modo a conseguir-se para os vencimentos actuais maior poder de compra.

A principal reivindicação da classe é a eliminação das horas extraordinárias, considerando-se como vencimento normal o abono que recebem pelas horas que trabalham a mais.

Pode, à primeira vista, parecer estranha esta pretensão. Estranha e censurável.

Cremos, porém, que não se coaduna com uma política social sã, obrigar um operário a trabalhar horas extraordinárias para conseguir cobrir as deficiências ou insuficiências dum salário antiquado.

Dizemos antiquado porque, apesar de datar apenas de Novembro de 1945 o despacho que fixa os vencimentos mínimos dos metalúrgicos, o nível desses vencimentos foi muito ultrapassado.

Sem horas extraordinárias, os vencimentos seriam insuficientes. As horas extraordinárias são um recurso a que a necessidade os obriga, necessidade que é fácil de avaliar-se sabida a relutância que existe por parte da maioria dos operários em aceitarem os descontos que sobre elas incidem.

Além disso, é fácil concluir que o organismo não pode suportar indefinidamente um excesso de trabalho que só como recurso se admite.

As condições de trabalho

As condições de trabalho, pode dizer-se, de maneira geral — ressalvadas as excepções — que são razoáveis nas empresas grandes e péssimas nas pequenas, que mais parecem o antro escuro de Vulcano, de que fala a Mitologia.

Não há luz, não há ventilação, e as instalações sanitárias, sem duches nem retretes capazes.

Não há como a luz do dia — dizem os operários.

O elevado preço da energia eléctrica para iluminação levou alguns industriais a adoptarem a luz fluorescente, como tivemos oportunidade de verificar, na Calçada de Santana, numa oficina de bate-chapas.

É exemplo que devia generalizar-se; modificar-se-ia o ambiente infernal em que muitos trabalham, com reflexos visíveis no rendimento.

Por que se admitem estas condições de trabalho?

Procuramos informar-nos sobre o assunto e obtivemos esta informação: Há, de facto, normas taxativas sobre as condições higiénicas do trabalho, dimanadas da Direcção Geral da Indústria. Simplesmente, a fiscalização não é eficaz e em muitos casos não se exerce sequer.

Os projectos apresentados pelos industriais prevêem, de facto, como é da lei, instalações sanitárias convenientes, mas na execução falham ou alteram-se ao sabor das conveniências.

Apelamos para as entidades competentes no sentido de procederem a uma revisão das condições de trabalho dos metalúrgicos.

As licenças anuais

Outra reivindicação da classe é a melhoria de licenças.

Pela lei geral, os operários gozam licenças que vão de três a nove dias.

Pretende-se modificar esse sistema, tendo sido já proposto, e cremos que aceite, um aumento de férias e uma gratificação em dinheiro equivalente a uma percentagem do ordenado proporcional aos anos de serviço.

Para a licença não contariam as faltas dadas por doença, nem outras, até 40 faltas.

Importância da profissão

Quantos metalúrgicos haverá em Lisboa?

É difícil a resposta a esta pergunta. Quinze, dezasseis mil?

Não incluímos neste cálculo os operários em serviço nos estabelecimentos fabris do Estado.

É como se vê uma classe numerosíssima, e, o que é mais, heterogénea.

Merecem uma revisão cuidada e imediata as condições de vida dos metalúrgicos, para que resolvidos estes problemas por assim dizer de ordem material, que enunciamos, se possa dar início à solução de problemas morais, técnicos, profissionais e culturais.

Os metalúrgicos, já pela seu número elevadíssimo, já pela importância que têm na economia nacional, são chamados a desempenhar na vida social da Nação um papel de excepcional relevo.

Assim os industriais o compreendam e contribuam para o aperfeiçoamento técnico deste sector do operariado e para a sua dignificação moral como homens, como cidadãos cônscios dos seus deveres e responsabilidades, mas também ciosos dos seus direitos.

NO PRÓXIMO NÚMERO:

«CONDIÇÕES DE TRABALHO E DE VIDA DO PESSOAL DOS ELÉCTRICOS»

Nem todos serão homens?

Há uma frase de Confúcio, célebre filósofo, que diz:

«Quem vai na liteira é um homem; quem conduz a liteira é também um homem».

Quer isto dizer que o facto de se disfrutar na vida uma posição de privilégio, não é o suficiente para se estabelecer uma desiqualdade atentatória da dignidade humana.

No entanto, essa desiqualdade instalou-se no espírito duma grande maioria como um axioma, quando a verdade é que ela não existe, senão na medida em que os méritos pessoais a impõem.

Vem isto a propósito da situação dos operários em relação ao chamado «pessoal superior» duma grande parte das nossas empresas industriais.

Para que não se diga que esgrimimos com palavras vazias de sentido, apontamos o facto sintomático da situação dos estivadores da Companhia União Fabril.

Quer-nos parecer que a situação destes operários, sujeitos às eventualidades do irregular movimento dos navios, podia melhorar, sem grande prejuízo para a empresa, se outras normas de serviço se estabelecessem, mais compreensivas e humanas.

À chegada dos navios e porque estes pretendem carregar ou descarregar, no mínimo espaço de tempo possível, aquela empresa recruta o maior número possível de carregadores.

Quando os navios saem, ficam esses operários sem trabalho, à espera de nova empreitada.

A odiosidade não está no facto de ficarem sem trabalho os operários, ma sim no empate de tempo a que os obrigam.

Em vez de obrigarem os estivadores a ir todos os dias, às 9 horas e meia, à procura dum trabalho incerto, melhor seria preveni-los de véspera, permitindo-lhes o aproveitamento do tempo em «ganchos» ocasionais que possam aparecer-lhes.

Também não está certo que não se aproveite a presença desses homens, nos dias em que aparecem às 9 e meia, para lhes pagarem, evitando-se que venham noutro dia, em que não viriam se não fosse exclusivamente por esse motivo.

Mas têm os estivadores da União Fabril outros motivos para reparos e reclamações.

A Companhia parece aplicar-se a nossa citação inicial de Confúcio e, que, traduzida em português, seria assim: «Uns, são filhos; outros, enteados».

Concedeu a C. U. F., o ano passado, ao pessoal do escritório, um aumento de quinze por cento nos vencimentos, acrescido de cem escudos mensais, para fazer face ao excessivo custo da vida.

Aos encarregados da limpeza dos balneários e aos apalpadores deu uma gratificação; mas ao restante pessoal não deu nada.

Não terão estes as mesmas dificuldades na vida, que aqueles?

E os lucros da Companhia são tão diminutos que não pudesse contemplar os seus ínfimos servidores, tão merecedores — tão *homens* — como o pessoal superior?

Deixamos a resposta, não dizemos à generosidade, mas ao espírito de compreensão e de justiça dos dirigentes da Companhia União Fabril.

A grande missão da classe operária

(Continuação da 1.ª página)

a Humanidade e incerta para a classe operária. «O Trabalhador» aparece para realizar esta grande obra, a maior de todas as obras.

E há-de consegui-lo, porque é preciso que o consiga, e a classe operária começa a compreender que, de facto, é preciso e é possível.

CONSULTAS

Por absoluta falta de espaço, não publicamos neste número a nossa secção «Consultas».

O jornal já está a ser pequeno! Já precisamos de mais páginas. Quando as teremos?